

# Editorial

## A Educação Sexual é...

**Maria José Alves** *[Ginecologista/Obstetra  
Presidente da Associação para o Planeamento da Família]*

A Educação Sexual é... a transmissão clara de conceitos científicos exactos, necessários para o exercício dos direitos sexuais e reprodutivos.

A Educação Sexual é... o desenvolvimento das competências necessárias para a tomada de decisões responsáveis, na área da Saúde Sexual e Reprodutiva.

A Educação Sexual é... o reconhecimento de que cada um pode desenvolver a capacidade de tomar decisões informadas e responsáveis, e que o fará tendo em conta a sua história psico-social.

A Educação Sexual é... o respeito pelas diversas culturas étnicas, pelas diversas culturas familiares, sem hegemonia de valores que não seja a igualdade de todos e o direito de cada um à diferença.

A Educação Sexual é... o dever de respeitar as decisões informadas de cada um.

A Educação Sexual é... o reconhecimento do direito ao acesso a esta informação para todos e cada um.

A Educação Sexual é... em meio escolar, a oportunidade de contribuir para a formação das raparigas e dos rapazes, facilitando relações, entre os géneros, mais igualitárias e verdadeiras.

A Educação Sexual é... em meio escolar, a oportunidade de responder aos apelos dos Pais, que temem os riscos da maternidade e paternidade precoces e das doenças sexualmente transmissíveis e podem também ser confrontados com a importância de os seus filhos viverem a sexualidade livre de medos, preconceitos e enganos.

A Educação Sexual é... em meio escolar, a oportunidade dos rapazes e das raparigas desenvolverem capacidades assertivas, que lhes permitirão escolhas mais livres e que os irão preparar para contribuírem activamente para uma sociedade mais participativa.

Inevitavelmente, a Educação Sexual mudará a Escola, a relação entre os alunos e os professores, a forma de ensino? Sim, creio que sim... Como as mudanças de que o mundo é composto o costumam fazer.

Todas as mudanças causam alguma inquietação e é perfeitamente legítimo que esta também o faça. Insensato é escamotear esses receios ou menosprezar esses argumentos. Assentemos, no entanto, que a mudança já aí estava e que, na realidade, já começou há muito tempo. A Escola, mantendo-se um espaço de enorme importância (ou mesmo, ainda de maior importância) na sociabilização dos adolescentes, é já muito diferente do que era e a atestá-lo estão as reestruturações dos currículos, a questão da indisciplina e da violência na Escola, o insucesso escolar e as respostas que se tentam encontrar para estes problemas, etc....

Ouvir os alunos (a Educação Sexual é....) pode apontar estratégias para resolver aquelas questões localmente, em cada Escola e, assim quem trabalha nesta área o queira, a nível central, nos Ministérios competentes.

Permitir e incentivar os alunos a uma participação mais activa nas salas de aulas, nomeadamente na elaboração de regras que eles se comprometem a cumprir não é algo absolutamente novo; muitos professores já o fazem há muito tempo. Mas “ghetos de democracia”

não chegam; só uma política escolar global neste sentido colherá frutos.

Transmitir o respeito pelo outro, por uma opinião ou escolha diferentes, só se consegue se os jovens sentirem que são respeitados na sua forma de pensar e nos seus valores, que reconhecem as suas capacidades e que aceitam as suas limitações. Não peçamos a ninguém que seja perfeito quando sabemos muito bem que também não o conseguimos ser.

Se mais razões não existissem para que esta Revista fosse dedicada à Educação Sexual, bastava o número de horas empenhadas que, em cada delegação, os Técnicos da APF afectos ao Protocolo com o Ministério da Educação têm dispendido, sensibilizando Professores, Pais e Auxiliares de Educação, apoiando iniciativas escolares e facultando bibliografia, a sua experiência e formação nesta área.

Muito deste trabalho foi ainda invisível, preparação para um projecto sólido em que todos os intervenientes se sintam confortáveis e em que se acordem parcerias com Centros de Saúde ou outras organizações locais. Por isso haverá escolas em que nada parece estar ainda a acontecer. Este número da revista dará conta desse trabalho de formiguinha que pretende desenvolver uma área, adaptada à realidade de cada Escola, tanto no que se refere aos recursos, como às características *daquela* população escolar.

Fazendo jus a todos os que dentro da APF se bateram durante muitos anos e muitas horas de trabalho pela implementação da Lei 3 dos idos de 84, esta Equipa de Técnicos/APF tem por obrigação continuar a mobilizar

todos os recursos dentro das escolas e a dinamizar todos os recursos dentro da Associação.

Tem seguramente, como acredito, a gratificação de poder a curto prazo dizer:

“A Educação Sexual...ESTÁ” x

# Educação Sexual ou proselitismo moral?

Duarte Vilar [Sociólogo, Director Executivo da APF]

A sexualidade sempre foi um tema central de todas as construções morais da humanidade, nomeadamente das religiões, dos costumes e das leis. Sempre foi também, mesmo em épocas em que publicamente havia mais unanimismo moral, um campo de conflitos e diferenças morais.

Nos nossos dias, na sociedade portuguesa, tal como nas outras sociedades ditas europeias e ocidentais, coexistem diferentes atitudes e valores face às questões da sexualidade, nomeadamente face à sexualidade juvenil, que estão relacionados com diferentes posicionamentos ideológicos pessoais, diferentes posicionamentos religiosos e diferentes formações culturais.

Isto tudo a propósito de uma notícia no JN de 22/09/01 sobre a realização de uma acção de formação para professores promovida por uma organização de natureza religiosa chamada “Fundação Família e Sociedade”, baseada num modelo de educação sexual que visa promover a abstinência sexual nos jovens.

Para além da questão de acções deste tipo de grupos serem ou não apoiadas pelo Estado Português, quanto a nós importa discutir algumas questões centrais deste tipo de formação a saber:

- que modelos morais são propostos?
- que desempenho profissional e deontológico para os professores é defendido?

A promoção da abstinência sexual nos jovens (ou nos adultos) é um valor que não partilhamos. Felizmente,

**este tipo de preocupações** também não é partilhado nem pelos documentos legais, nem pelas orientações técnicas que são defendidas pelo Estado Português em matéria de educação sexual.

Aliás recusamos a ideia de promover comportamentos sexuais sejam eles quais forem. Porque pensamos que a sexualidade é uma matéria de escolhas individuais, as quais devem ser feitas (e isto sim, tentamos promover) de forma livre, consciente e responsável.

Mas existe, e é defendido por alguns grupos religiosos (como é o caso) e por pessoas de diversas idades, inclusive por alguns jovens organizados ou não em “clubes de defesa da virgindade”. Quem está envolvido em acções de educação sexual com jovens sabe que, embora a maioria dos jovens defendam claramente valores liberais nesta matéria, outros há que continuam a defender os valores mais tradicionais; o mesmo se pode dizer das famílias dos jovens.

Em geral, todos os modelos que visam a promoção da abstinência sexual são modelos de natureza fechada, ou seja, que excluem a diversidade em prol da promoção de uma posição moral única (e aqui as gerações mais velhas lembrar-se-ão dos modelos que nos eram veiculados durante a nossa adolescência, no tempo da ditadura e do seu monopólio moral).

Por outro lado, os materiais distribuídos no curso e que são referidos no artigo do JN, ao afirmarem, por exemplo, que uma maior precocidade sexual (e a precocidade de que se fala abrange, basicamente, todas as relações sexuais pré-conjugais) está na origem de posteriores situações de “impotência e frigidez”, e que

“o uso de contracepção não é uma solução para evitar a gravidez”, levam-nos a constatar que ao carácter de proselitismo moral se associa claramente a falsidades científicas.

Neste modelo, os professores não são, pois, formados para lidar com a diversidade moral que caracteriza a nossa sociedade (e os nossos jovens); são formados para convencer as suas audiências, **para lhes inculcar um discurso rígido e único**, com recurso a metodologias pedagógicas mais ou menos sofisticadas e mesmo com recurso a falsos argumentos. Ou seja, neste modelo, a educação sexual é essencialmente vista e pensada como um terreno de convencimento moral, de proselitismo e não como um terreno de discussão livre das posições diversas.

A intervenção profissional que se faz na área da sexualidade não é e nunca poderá ser neutral. Mas tão pouco poderá ser um terreno de proselitismo moral. O quadro ético para a educação sexual (proposto nas “Linhas Orientadoras” de que a a APF é co-autora e subscritora) tem de levar em conta:

- Os conhecimentos sobre a sexualidade humana que o seu estudo científico já proporcionou
- A dimensão positiva da sexualidade na vida, no crescimento pessoal e nas relações interpessoais
- Os valores democráticos e humanistas pelos quais as nossas sociedades se procuram reger
- A diversidade moral sobre as questões de moral sexual, característica essencial das nossas sociedades

- A necessidade de prevenir de forma eficaz acontecimentos negativos ligados à vida sexual tais como as gravidezes não desejadas ou as infecções e doenças sexualmente transmissíveis

- O direito a ter ideias e comportamentos diferentes desde que eles não sejam doentios nem violem a liberdade e a autodeterminação dos(as) outros(as).

Este quadro ético, estamos certos, é bastante claro para impedir um “vale tudo” moral; e é suficientemente flexível para abranger posições morais diversas e contraditórias (entre as quais as da referida fundação).

Assim, embora não partilhemos das ideias da Fundação Família e Sociedade, consideramos que elas são legítimas no plano do debate de ideias que deve caracterizar a educação sexual. Mas, em nossa opinião, elas não devem ser aceites nem adoptadas como modelo de intervenção em educação sexual nas escolas portuguesas uma vez que, no plano ético e deontológico, este é um modelo de claro proselitismo moral e religioso, que representa somente a opinião de alguns grupos restritos na sociedade portuguesa; e que, no plano científico, ignora ou deturpa o que hoje é conhecido em termos da sexualidade humana. **x**

# Promoção da Educação Sexual em meio Escolar

## 1º Relatório das Actividades Realizadas no Âmbito do Protocolo celebrado entre a APF e o Ministério da Educação

### 1. INTRODUÇÃO

Em 31 de Outubro de 2000 foi celebrado, entre o Ministério da Educação e a APF, um protocolo no âmbito da promoção da educação sexual nas escolas, no contexto da lei 120/99 e DL 259/2000 e da publicação do documento “Educação Sexual em Meio Escolar – Linhas Orientadoras”.

As actividades abrangidas neste protocolo tiveram início no dia 1 de Novembro de 2000.

Em síntese, poderemos afirmar que estes primeiros meses se caracterizaram por um conjunto de actividades que serão descritas com mais detalhe ao longo deste relatório e que podem ser agrupadas:

- na **constituição, formação e supervisão da equipa** de técnicos da APF que integra este projecto,
- na **articulação com a estruturas da CCPES** (Comissão de Coordenação da Promoção e Educação para a Saúde) a nível central, regional e local
- numa **intensa actividade de informação e sensibilização das escolas e em particular dos docentes, encarregados de educação e pessoal não docente** para o novo contexto legal e os novos instrumentos disponibilizados
- no apoio em **aconselhamento técnico** a algumas escolas e estruturas de formação



de professores que integraram, ou pretendem a curto prazo integrar, projectos de educação sexual

- na **realização de acções de formação** dirigidas a elementos da estrutura da CCPES.

## 2. ACÇÕES DE SENSIBILIZAÇÃO PARA PROFESSORES

Estas acções surgiram essencialmente a pedido de escolas e associações de professores e têm uma duração média de 3 horas.

Os objectivos destas acções são:

- Informar os docentes sobre a legislação e as linhas orientadoras existentes,
- Clarificar aspectos vários ligados ao conceito, objectivos, metodologias e conteúdos da educação sexual,
- Divulgar o documento “Linhas Orientadoras”
- Debater com os professores e membros dos órgãos de gestão as possíveis estratégias para a integração regular de acções e programas de educação sexual
- Identificar necessidades de apoio das escolas
- Divulgar os recursos de apoio existentes, nomeadamente a APF e a CCPES.

Assim, foram realizadas **159 sessões de sensibilização em escolas** (ver lista anexa), que abrangeram 3 792 professores.

Para além destas acções em escolas directamente relacionadas com o protocolo, elementos do projecto apresentaram comunicações em congressos e seminários promovidos por instituições diversas.

Por último, neste ponto há a referir a realização do encontro “Educação Sexual na Escola”, promovido em colaboração com o Centro de Formação de Professores de Faro, abrangendo cerca de 200 participantes.

## 3. COLABORAÇÃO COM CENTROS DE FORMAÇÃO E OUTRAS ESTRUTURAS DE FORMAÇÃO

Está previsto, no protocolo, o apoio da APF a centros de formação e outras estruturas de formação de professores, na preparação de acções de formação dirigidas a professores e, eventualmente, a outros profissionais que trabalhem no contexto escolar.

Estas actividades têm como objectivos:

- A motivação deste tipo de estruturas para a inclusão de acções de formação em educação sexual
- A preparação de candidaturas
- A divulgação dos recursos disponíveis.

Estas actividades contemplam somente a fase preparatória das acções, as quais têm depois mecanismos próprios de realização e financiamento, nomeadamente através dos apoios do Programa FOCO.

Foram assim realizadas **reuniões diversas com 15 centros de formação**.

Muitos dos centros de formação já tinham a sua programação organizada, e apenas em alguns puderam ser incluídas acções de formação a serem ainda realizadas no corrente ano civil.

## 4. ACONSELHAMENTO TÉCNICO E APOIO DOCUMENTAL

Este tipo de actividades complementa todas as outras referidas no protocolo e é particularmente importante

pois sedimenta a motivação das escolas para se envolverem em projectos de educação sexual e apoia a concretização destes projectos.

A este nível, **foram apoiadas 41 escolas** (ver lista em anexo).

Os tipos de apoio prestados foram os seguintes:

- Apoio documental
- Planificação de acções de formação nas escolas
- Apoio individualizado a professores para tratamento de temas de educação sexual
- Apoio à criação e funcionamento de gabinetes de educação sexual
- Apoio ao desenho de projectos em educação sexual.

Para além destes apoios, a APF distribuiu cerca de 500 exemplares das “Linhas Orientadoras” a escolas e professores que as solicitaram.

## 5. ACÇÕES DE SENSIBILIZAÇÃO PARA PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

Foram também realizadas diversas acções de sensibilização, a pedido das escolas e das associações de pais e encarregados de educação.

Estas actividades, com a duração de cerca de 2 horas/cada, têm como objectivos:

- Informar os pais e encarregados de educação sobre a legislação e as linhas orientadoras existentes,
- Clarificar aspectos vários ligados ao conceito, objectivos, metodologias e conteúdos da educação sexual,
- Divulgar o documento “Linhas Orientadoras”
- Debater as possíveis estratégias de participação dos pais no processo de integração da educação sexual
- Debater estratégias para a melhoria das práticas de educação sexual no contexto familiar
- Divulgar os recursos de apoio existentes, nomeadamente a APF e a CCPES.

Neste contexto **foram realizadas 24 sessões** para pais e encarregados de educação (ver lista anexa) em escolas que abrangeram cerca de 630 participantes.

A APF participou ainda num encontro promovido em 27 de Janeiro pela FERSAP em Almada, sobre a temática da educação sexual.

## 6. ACÇÕES DE SENSIBILIZAÇÃO PARA PESSOAL NÃO DOCENTE

Estas acções têm por objectivo:

- Contribuir para que outros profissionais não docentes tenham um desempenho profissional adequado na área da educação sexual.
- Divulgar o quadro legal existente, as “Linhas Orientadoras” e os recursos disponíveis.



Registamos a realização de **13 acções para pessoal não docente** na Região Norte e na Região Alentejo que abrangeram 255 participantes.

#### 7. ACTIVIDADES DE FORMAÇÃO EM COLABORAÇÃO COM RNEPS (REDE NACIONAL DE ESCOLAS PROMOTORAS DE SAÚDE) E CCPES

Em 30 e 31 de Janeiro, realizou-se em Évora, uma **oficina de formação de formadores** promovido pela APF no qual participaram cerca de 20 técnicos da APF e da CCPES. A oficina teve uma duração de cerca de 15 horas.

A acção teve como objectivo o aprofundamento da discussão e a troca de experiências nas diversas metodologias utilizadas na formação em educação sexual.

Também a pedido da CCPES, realizaram-se em Peniche e em simultâneo **duas acções de formação em educação sexual dirigidas aos TPES** (Técnicos de Promoção e Educação para a Saúde) das várias regiões e a profissionais de saúde das EAL com a duração de 21 horas cada. Estas acções foram monitoradas pela APF e nelas participaram cerca de 50 técnicos.

Em Abril, e por solicitação da CCPES a APF colaborou na elaboração de um **guia de recursos em educação sexual a ser editado pelo IIE** (Instituto de Inovação Educacional), fornecendo uma lista de bibliografia comentada e de materiais educativos disponíveis.

#### 8. OUTRAS PARTICIPAÇÕES EM ESCOLAS E CENTROS DE FORMAÇÃO NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Neste ponto referem-se acções no âmbito da educação sexual nas escolas que não estão abrangidas no articulado do protocolo mas que, por nos parecerem relevantes, integram este relatório.

#### Acções de formação/cursos para professores

Neste período, foram realizadas **3 acções de formação para professores** na Escola do Bocage (Setúbal) com a duração de 12 horas, na Escola da Quinta das Flores em Coimbra e no centro de formação de professores de Águeda ambas com a duração de 25 horas.

#### Sessões para jovens

Algumas escolas continuam a solicitar à APF a colaboração em actividades directas com os jovens, nomeadamente, sessões temáticas de educação sexual.

Estes pedidos têm sido considerados como importantes porque poderão ser reformulados no sentido deixarem de ser acções pontuais e passarem a serem integrados em projectos mais gerais e permanentes.

Outros pedidos surgem já no âmbito de projectos de educação sexual em curso e versam sobre temas que as escolas ou os professores não têm ainda a segurança necessária para os abordar. A acção da APF neste caso é também demonstrativa como poderão ser abordados diversos temas, em termos de conteúdos e estratégias educativas.

Neste sentido, embora as actividades directas com jovens não sejam consideradas acções abrangidas pelo protocolo, achamos importante referi-las neste relatório.

Assim, neste período foram registadas **29 sessões de educação sexual para jovens**.

#### 9. COMENTÁRIO FINAL – BALANÇO E PERSPECTIVAS

A APF considera que, em geral, foram cumpridos os objectivos e metas estabelecidas no protocolo.



A resposta das escolas foi altamente positiva e manifestou-se num elevado número de pedidos que foram sendo respondidos no 1º semestre ou que estão agendados para o 2º semestre do protocolo. Este indicador revela claramente que as medidas recentes em termos de legislação e orientações e a sua publicitação motivaram um efectivo interesse das escolas pela temática da educação sexual.

Para muitas escolas, esta é ainda uma fase de sensibilização pelo que a maior parte dos pedidos foram acções deste tipo. Neste sentido é agora importante continuar o trabalho com todas as escolas apoiadas, de forma a que a sensibilização se transforme em projectos efectivos. Por outro lado, é ainda necessário continuar a desenvolver uma actividade alargada de sensibilização em todo o país.

Para muitas outras escolas, existem já projectos em curso ou existe vontade efectiva de integrar a educação sexual nas suas práticas educativas. Neste contexto, estas escolas contactaram o projecto com pedidos para consultaria técnica de apoio a projectos em curso ou que se pretendem implementar a curto prazo.

A resposta dos pais e encarregados de educação foi também positiva e, muitas vezes, pró-activa, o que mais uma vez desmente a ideia de que os pais são uma resistência em relação à educação sexual nas escolas.

Em termos de dificuldades há a referir, em primeiro lugar, o facto de o envio das “Linhas Orientadoras” nem sempre ter sido eficaz em termos do seu conhecimento pelos docentes da escola e menos ainda por outros agentes das comunidades educativas, nomea-

damente as associações de pais. Queremos com isto dizer que, se as escolas receberam efectivamente o documento, nem sempre o divulgaram de forma adequada e, muitas vezes, não o divulgaram de todo.

Paradoxalmente, o facto de ser distribuído gratuitamente, dificulta o acesso das escolas e dos professores a mais exemplares do documento.

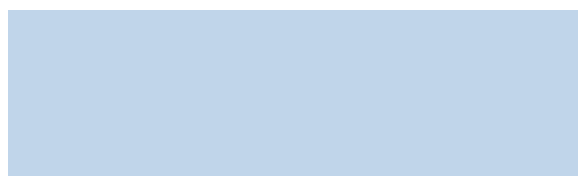
Por outro lado, existem ainda algumas indefinições no DL 259/2000 que necessitam de clarificação. Se é claro os contextos dos projectos de educação sexual – o projecto educativo da escola e os planos de trabalho das turmas – não está claramente definida uma estrutura de responsabilidade dentro da escola, ao nível da proposta, realização, acompanhamento e avaliação das práticas de educação sexual.

Neste sentido sugerimos que, em sede de Conselho Pedagógico, seja claramente designados um ou mais responsáveis por esta área educativa com o título de coordenadores do programa de educação sexual.

As perspectivas de trabalho para o 2º semestre são diversas:

- Estão a ser preparados encontros em cada região educativa para intercâmbio de experiências e perspetivação do próximo ano lectivo (o primeiro dos quais já se realizou em Évora no dia 30 de Maio);
- Vai ser produzido um folheto contendo informações básicas e relevantes sobre a importância e alguns elementos definidores da educação sexual, a legislação e recursos disponíveis;

- Vai continuar a ser dada resposta, em articulação com a CCPES, aos pedidos diversos das escolas, prevendo-se um aumento do número de acções, dado que em algumas regiões o calendário disponível está praticamente preenchido até ao final de Outubro. x



## QUADRO SÍNTESE DAS ACÇÕES REALIZADAS NO ÂMBITO DO PROTOCOLO

TIPO DE ACÇÃO	Nº ACÇÕES REALIZADAS	Nº DE ESCOLAS ABRANGIDAS	Nº PESSOAS ABRANGIDAS
Acções de sensibilização para professores	159	146	3792
Acções de sensibilização para pais e EE	24	24	630
Consultoria técnica e apoios a escolas	41	41	-
Acções para profissionais não docentes	13	14	255
Reuniões c/ centros formação	15	15	-
Comunicações em congressos	18	-	-
Acções realizadas com a CCPES	3	-	75
Total	273	240	4752

# Reflexão em torno de uma experiência

Carla Serrão [Psicóloga Clínica, Coordenadora do Projecto de Educação Sexual na Zona Norte]

A sexualidade não deixa ninguém indiferente; ela marca não só o corpo, mas a mente.

Em todas as idades da vida humana, e não apenas na altura das turbulências interiores da juventude, a sexualidade suscita o nosso interesse.

A sexualidade e, consequentemente, a Educação Sexual, implica a auto-estima e a afectividade, os sentimentos e as emoções, os embaraços e a vergonha, os tipos de linguagem e a comunicação em geral e não apenas a componente anatomo-fisiológica (como muitos julgam).

Neste artigo que me propus construir, tenho a pretensão de conseguir dar visibilidade ao que tem sido o Projecto de Educação Sexual desenvolvido na zona Norte do país. Desta forma, irei explanar a Educação Sexual ao nível do passado, do presente, do futuro.

## PASSADO

Já todos ouvimos falar de Educação Sexual, Educação para os afectos ou de outras Educações que contemplam a Saúde Sexual e Reprodutiva. No entanto, nem todas parecem saber que a legislação Portuguesa, desde 1984 (lei nº 3/84 de 24 de Março), até 2000 (Dec-Lei nº 259/2000 de 17 de Outubro) contempla diplomas legais que definem a implementação nas escolas básicas e secundárias, de um Programa de Promoção de Saúde e da Sexualidade Humana, cujos objectivos gerais consistem em promover uma melhor Saúde Sexual, uma atitude responsável face à sexualidade e proporcionar uma futura maternidade e paternidade conscientes.

O projecto experimental “Educação Sexual e Promoção da Saúde nas Escolas” desenvolvido entre os anos lectivos de 1995 e 1998 pelo Programa de Promoção e Educação para a Saúde, constituiu um importante manancial de experiências para a generalização da Educação Sexual em meio escolar.

Após a avaliação da eficácia e reflexão desta experiência divulgou-se um documento – Linhas Orientadoras – (que se espera que esteja disponível em todas as escolas), com o objectivo de fomentar a generalização gradual desta iniciativa às escolas do nosso país no sentido da integração regular de projectos e actividades da Educação Sexual nos vários níveis de ensino. Uma das grandes reflexões reiteradas no documento das Linhas Orientadoras salienta o papel da escola como um lugar de construção de saberes, que suscita vivências ao nível afectivo-sexual e que tem a função de suscitar o ensaio de competências essenciais em pleno desenvolvimento da pessoa. Assim, a escola é entendida como um dos agentes do processo de socialização sexual, que ao agir de forma adequada pode contribuir para que este processo seja realizado de forma mais positiva e gratificante.

## PRESENTE

Em Outubro de 2000 foi celebrado um protocolo de cooperação entre o Ministério da Educação e a APF, este teve por objectivo a colaboração em actividades de Promoção da Educação Sexual em meio escolar, competindo à APF no seu desenvolvimento: Promover nas escolas acções de sensibilização à Educação Sexual, de dinamização de projectos e de dissemi-

nação de metodologias de intervenção na matéria; colaborar com as estruturas de formação de professores no desenho, organização e realização de acções de formação; fornecer conselho técnico e apoio documental a professores e escolas na concepção e desenvolvimento de projectos; participar nas actividades de formação que venham a ser realizadas no âmbito da rede nacional de escolas promotoras de saúde (RNEPS).

Desta forma, as Delegações Regionais da APF (Porto, Lisboa, Coimbra, Faro, Évora) estão a desenvolver acções de sensibilização e apoio técnico subordinadas ao tema Educação Sexual, com o objectivo de formar e desenvolver nos professores competências aos níveis cognitivo, atitudinal e comportamental.

A formação de professores fomenta uma Educação Sexual intencional e consciente, sistemática e realizada pelos profissionais da Educação – **Educação Sexual explícita.**

A intervenção enquadra-se no grande projecto de implementação/dinamização da Educação Sexual no Sistema Educativo; uma perspectiva alargada da Educação Sexual, não a circunscrevendo às disciplinas mais tradicionalmente ligadas à componente anatómico-fisiológica da sexualidade (como é o caso das ciências e da biologia).

Assim, a abordagem é realizada de forma transversal (em todas as disciplinas), numa visão pluri e interdisciplinar da sexualidade cujos grandes objectivos são: aumentar os conhecimentos ligados à sexualidade; desenvolver valores e atitudes positivas face à sexuali-

dade; facilitar a aprendizagem de comportamentos sexuais responsáveis aos níveis pessoal e social.

Pretende-se com isto, que sejam desenhados e implementados projectos de Educação Sexual nas escolas através da “Sexualização” de conteúdos programáticos das várias disciplinas; de projectos inter e transdisciplinares (área escola ou área de projecto...); de actividades extracurriculares como o “Dia Mundial da SIDA”, da criação de gabinetes de atendimento ligados ao aconselhamento sobre adolescência e sexualidade. Relativamente ao **trabalho que tem sido desenvolvido na zona norte** (de St<sup>a</sup>. Maria da Feira a Bragança), podemos referir que até ao momento e ao nível quantitativo foram abrangidos 656 professores, 63 pais e 80 auxiliares de acção educativa.

Nas escolas e de acordo com as solicitações, foram desenvolvidas acções de sensibilização e apoio técnico ao nível dos projectos curriculares.

De forma geral, as acções de sensibilização subordinadas ao tema “Educação Sexual em Meio Escolar”, com a duração de 3 horas têm como objectivos gerais:

- Dar a conhecer o quadro legal;
- Sensibilizar os professores enquanto agentes educativos para o seu objectivo e envolvimento na implementação de programas de Educação Sexual;
- Contribuir para o desenvolvimento da Educação Sexual no sistema educativo em Portugal;
- Partilhar exemplos nacionais de Educação Sexual em meio escolar;

- Dar a conhecer os materiais existentes e a forma de os trabalhar em contexto de sala de aula.

No entanto, é premente referir que este trabalho só foi possível através da articulação entre a APF e o grupo técnico de Promoção e Educação para a Saúde (TPES) da Direcção Regional de Educação do Norte, que tem sido uma grande valia para a sinalização de escolas sensibilizadas e interessadas na formação dos seus técnicos.

As solicitações que têm sido realizadas pelos Centros de Formação desta zona à APF, também têm permitido dar uma visibilidade do grande interesse que esta temática está a suscitar, assim como da dificuldade que os professores estão a ter na sua abordagem.

#### FUTURO

Agora e chegados à “planolândia”, pretendemos que:

- A Educação Sexual deixe de ser um tabu;
- Toda a comunidade educativa, professores, auxiliares de acção educativa, pais e outros, possam receber formação adequada neste domínio;
- Sejam realizadas acções de sensibilização para todos os membros da comunidade educativa;
- Haja uma articulação entre a escola, as famílias, os centros de saúde, as autarquias e demais parceiros no tratamento desta temática;
- O conceito Educação Sexual seja conhecido por todos;

- Todos falem de Educação Sexual e saibam do que estão a falar (ou então não falem, perguntem!)

- Que os professores e outros agentes, sejam isentos e não imitam juízos de valores, tenham a capacidade para escutar as dúvidas dos alunos; sejam capazes de sinalizar e encaminhar situações problemáticas, assim como tenham capacidade para motivar a confiança que os jovens possam ter de si.

- Em todas as escolas sejam implementados projectos de carácter inter e transdisciplinares subordinados a esta temática;

- Os projectos não fiquem na “gaveta”;

- A incidência de gravidezes indesejadas na adolescência diminui, as DST's diminuem e a taxa de abortamentos diminui.

Em síntese, no futuro espera-se que a Educação Sexual esteja implementada em todas as escolas, com o objectivo de pugnar pelo desenvolvimento de referências éticas, atitudinais, afectivas e de valores tanto na família, como na escola e na sociedade. **x**

# Quinta das Flores

## Os primeiros passos

**Maria Alfaiate** [Psicóloga, Coordenadora do Projecto de Educação Sexual na Zona Centro]

Os primeiros passos que a nossa escola deu no sentido de ir ao encontro das aspirações e reivindicações dos nossos alunos – manifestadas por diversas vezes e em diferentes contextos educativos (na Assembleia de Escola, no Conselho Pedagógico, em manifestações estudantis regionais e nacionais), sempre apoiados pela Associação de Pais e Encarregados de Educação – concretizaram-se durante o ano lectivo de 2000/2001.

Apoiada em legislação recentemente aprovada, a Escola começou por proporcionar momentos de reflexão entre os seus docentes. Numa 1ª fase promoveu, nos Grupos Disciplinares, a discussão de princípios éticos de base e auscultou a disponibilidade e motivação para desenvolver um projecto de escola no âmbito da Educação Sexual (ES) de acordo com as Linhas Orientadoras para a Educação Sexual em Contexto Escolar. Para a elaboração dos documentos que serviram de base a esta discussão (nomeadamente “Barómetros de atitudes”, “Histórias Valorativas” e outros), a escola contou com o apoio e a experiência de técnicos da APF. Este apoio prolongou-se ainda para a 2ª fase na qual os professores que se mostraram interessados e disponíveis receberam uma breve formação sob orientação e dinamização exclusiva de técnicos da mesma associação, com vista à criação de um Gabinete de Apoio à Implementação da ES.

Paralelamente, decorreram outras actividades que, de algum modo, estiveram relacionadas com a ES, das quais destacamos a comemoração do dia dos namorados e a articulação com as actividades desenvolvidas, no âmbito da área escola, por uma turma do 10º ano cujo tema se intitulava “Sexualidade Juvenil”.

Fez-se uma recolha e análise de livros e material audiovisual existentes no mercado, seleccionando um primeiro conjunto a adquirir pela escola de modo a enriquecer a oferta em termos de recursos aos alunos e docentes nesta área.

Constituiu-se, então, um grupo restrito de elementos da escola que, trabalhando directamente com uma técnica da APF, organizou e implementou um Gabinete de Implementação da Educação Sexual. Este possui uma vertente de apoio a projectos de docentes e alunos nesta área (nomeadamente apoio documental), mas também está preparado para proceder ao encaminhamento de alunos para Serviços de Apoio À Sexualidade Juvenil existentes na comunidade (em centros de saúde, centros de atendimento de jovens, ou instituto da juventude, por exemplo).

O gabinete iniciou o seu funcionamento no 3º Período lectivo, tendo sido apresentado a todos os alunos e professores na última semana do 2º Período, informando da sua localização física, tipo de apoios prestados e equipa responsável a contactar. Simultaneamente ao atendimento semanal, o mesmo grupo organizou um expositor permanente na sala de convívio dos alunos que teve por função não só responder a questões colocadas anonimamente numa “caixinha” junto do mesmo, como também ser o motor de divulgação de actividades promovidas pelo Gabinete, artigos e notícias relacionados com sexualidade e saúde retiradas de revistas e jornais, com a colaboração directa da equipa responsável pela Biblioteca da escola.

No final do ano lectivo o grupo delineou as linhas mestras de actuação para o próximo ano, tendo ficado



decidido continuar com as actividades já iniciadas e alargar os debates e discussões através de “mesas redondas” temáticas, sempre que possível mensais, organizadas e pensadas para e com os alunos, envolvendo também pessoas externas à escola, através de convites feitos a elementos da APF, do Centro de Saúde da área da escola, entre outros. Decidiu ainda organizar, no início do ano lectivo, um serão aberto a todos os elementos da comunidade educativa, pais e encarregados de educação em especial, para dar conhecimento do trabalho que se pretende desenvolver e recolher sugestões e colaboração para a implementação e enriquecimento deste projecto, nomeadamente procurando formas de trabalhar o tema ao nível dos currículos. x

# Cada escola terá que encontrar o seu próprio caminho

Entrevista com **Elizabete Souto** [Técnica do Projecto de Educação Sexual da Delegação de Lisboa da APF]

*O testemunho de Elizabete Souto, coordenadora, em Lisboa, do trabalho desenvolvido pela APF, no quadro do protocolo com o Ministério da Educação, para implementação da educação sexual nas escolas.*

O trabalho que se tem vindo actualmente a desenvolver nas escolas, insere-se nas actividades definidas no protocolo celebrado no início do passado ano lectivo, em Outubro de 2000, no contexto da lei para a Educação Sexual – 120/99 e da publicação das “Linhas orientadoras”.

As “Linhas orientadoras” resultam de um projecto experimental que decorreu durante três anos – entre 95 e 98 -, e em que se desenvolveu uma experiência que abarcou todos os níveis de ensino em Portugal. As equipas que estiveram no projecto, no terreno, elaboraram este documento, que me parece ser uma mais valia. É muito importante os professores e as escolas terem em conta uma experiência nacional desta envergadura e desta importância.

## ESSE O PONTO DE PARTIDA. E NA PRÁTICA?

Agora, e na prática, cada escola terá que encontrar o seu próprio caminho, tendo em conta realidade sócio-cultural em que está inserida. Este documento refere pistas de reflexão, os objectivos para cada ciclo de ensino, uma possibilidade de articulação curricular,

mas não é propriamente um manual. São linhas orientadoras.

As escolas – o conselho executivo – recebem as linhas orientadoras. Há escolas que pura e simplesmente arquivam. Há outras em que o documento é divulgado junto do conselho pedagógico. Outras ainda fazem-no chegar ao centro de recursos da escola, se o houver, ou à biblioteca.

Neste processo – e no quadro do protocolo com a APF – as escolas nunca estão sozinhas. É importante sabermos de que recursos dispõem, a quem podem recorrer se quiserem pôr em prática a educação sexual.

Quando já há na escola uma equipa de professores interessada em trabalhar estas questões, o trabalho fica muito facilitado. Há muitas escolas, há muitos professores que trabalham nesta área, mesmo por vezes não se dando conta de que fazem educação sexual. Entretanto, na sua maioria, as escolas estão, nesta área, em fase de arranque, em fase de sensibilização.

**PARA A APF ESTE NÃO É UM TRABALHO NOVO. MAS SERÁ, EM QUALQUER DOS CASOS, DIFERENTE. QUE SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS PODEREMOS ASSINALAR?**

A APF sempre foi muito solicitada a ir às escolas, quando os professores de biologia e ciências estavam a dar conteúdos de reprodução humana. Os alunos colocavam muitas questões e o professor preferia que se deslocasse alguém do exterior, de uma instituição, para realizar com esses alunos uma acção de esclarecimento, uma intervenção sobre determinada temática. Isto continua ainda a ser uma realidade mas, desde o momento em que há este protocolo com o ME, a nossa prioridade não vai para o trabalho directo com os alunos, vai para o trabalho directo com os docentes, no

sentido de os dotar com competências profissionais para este trabalho. O se traduziu, durante todo o passado ano lectivo, em inúmeras acções de sensibilização, realizadas em muitas escolas.

#### EM QUE CONSISTEM ESSAS ACÇÕES DE SENSIBILIZAÇÃO?

Estas acções têm uma duração de cerca de três horas e consistem, em termos gerais, em trabalhar com os professores um pouco sobre os conceitos de sexualidade, de educação sexual. Quando se fala sobre educação sexual, por vezes não é muito claro do que se está a falar. Vale a pena, assim, desmontar o conceito.

Por exemplo, um aluno leva um assunto do exterior para a sala – “Professora, assistiu ontem à noite aquele filme em que se via quase tudo”. Ela pode dizer que não, ou dizer “Vi, podemos falar disso no intervalo, ou neste momento, se toda a turma concordar”. Isto não é nada estruturado, é entendido como um momento em que alguém levanta alguma questão. Mas as estratégias que os professores encontram para fazer face às perguntas que os alunos colocam, também devem ser trabalhadas. Porque muitas vezes os professores revelam sentir um embaraço muito grande face a uma situação, referem que os alunos exigem uma resposta imediata e não sabem de que forma poderão dar a mais ajustada à situação.

Nós fazemos um trabalho no sentido de que muitas vezes o professor pode funcionar mais como o moderador da situação. E utilizar estratégias do género: “E o que é que tu pensas sobre isso, qual é a tua ideia?”. Devolvendo a pergunta e, no fundo, ajudando o aluno a pensar sobre as coisas. Isso dá também tempo e espaço para pensar e tentar ver em que fase está

aquele aluno, em termos de aquisição de conhecimentos e de vivência.

#### SERIA ISSO UMA EDUCAÇÃO SEXUAL INFORMAL.

Exactamente. mas o que muitas vezes acontece é que os professores não sabem que estratégias hão-de utilizar para fazer face a uma pergunta mais directa. E, para muitos, ainda hoje, a figura do professor é a do detentor do saber, e assumir publicamente que não está devidamente informado ou que não sabe responder a uma questão, é difícil.

Assim, ele sabe que pode oferecer alternativas e encaminhar aquele jovem, ou para um espaço de atendimento, ou para um outro professor que está mais inteirado da situação, ou pode dizer que se vai informar e que amanhã se falará sobre isso. Ou seja – trata-se de não fechar a porta, de oferecer alternativas.

Penso que, hoje em dia, ser pai e mãe ou ser professor, é um desafio muito grande. E à escola cabe de facto complementar aquilo que, bem ou mal, já é feito em casa.

Educar é transmitir valores, transmitir atitudes e formas de ser e de pensar. E tudo isto nós já trazemos de casa, da forma como fomos educados, como fomos sentidos pelas pessoas que nos são mais próximas.

#### TEMOS ESTADO A FALAR SOBRETUDO DE UMA INTERVENÇÃO EM TERMOS PONTUAIS. ENTRETANTO, O QUE A APF ESTÁ A FAZER NESTE MOMENTO, NÃO É APENAS PONTUAL.

No âmbito do protocolo entre a APF e o Ministério da Educação, trabalhamos com todas as escolas da rede pública. No caso das escolas que pertencem à rede nacional das Escolas Promotoras de Saúde – que já tra-

balham muitas valências no âmbito da promoção da saúde, e nomeadamente a educação sexual – articulamos trabalho com os técnicos de promoção de educação para a saúde, dos respectivos centros da área educativa, os CAE.

Sempre que nos é pedida a colaboração para uma acção de sensibilização para docentes, fazemos chegar previamente às escolas os seus conteúdos e objectivos. A acção é aberta a um máximo de 25 professores, porque não se trata propriamente de um debate, é um espaço de formação, e utilizamos uma metodologia activa, participativa, com o grupo. Na sequência destas acções, fazemos a ponte e colaboramos com os centros de formação dos professores, que oferecem acções de formação de 25 ou 50 horas, já estruturadas e mais consistentes, nomeadamente na área de educação sexual.

Aqui à delegação de Lisboa, os pedidos que nos chegam são muito vastos. Não só para estas acções com os docentes, como para debates sobre esta temática e para acções com pais.

As iniciativas com os pais são muito importantes. É essencial que saibam o que está a ser feito na escola. Penso mesmo que os pais são muito favoráveis à implementação da educação sexual.

#### QUAIS SÃO AS DIFICULDADES MAIS SENTIDAS?

Com os docentes há, por vezes, algumas naturais dificuldades. Ainda se discute, entre toda a comunidade educativa, se, para estar à frente do trabalho com estas temáticas, não será necessário alguém com *perfil para*. Penso entretanto que há muitos professores que não estão no ensino por opção. E não creio que, nesses casos, se tenha em conta o *perfil*.

O que está aqui em causa, na verdade, são as dificuldades sentidas pelas pessoas nesta área. Todos nós, antes de sermos profissionais, somos pessoas. E, como pessoas, temos a nossa forma de ser e de estar. Em todas as áreas, há bons e maus profissionais. E temos que conviver com esta realidade.

É claro que o desejável seria que todos tivessem a consciência do que estão a fazer, e das áreas em que se inserem. Um professor que diz que tem muitas dúvidas mas que gostaria de avançar, é uma coisa, agora um professor que vem cheio de certeza e diz – vamos para a frente –, sem ter em conta o terreno que está a pisar, é complicado. É melhor ter algumas dúvidas que muitas certezas. E é importante tomar a consciência de até onde poderemos ir. Por vezes é preciso accionar os nossos recursos internos para saber de que forma é que se vai fazer face a uma situação. E há situações em que seria melhor o professor não se envolver directamente, mas antes encaminhar, informar sobre os recursos existentes.

#### DE QUE FORMA É QUE SE ESTÁ A IMPLEMENTAR, NA PRÁTICA, A EDUCAÇÃO SEXUAL EM MEIO ESCOLAR? PARA ALÉM DA SENSIBILIZAÇÃO, PARA ONDE É QUE SE APONTA?

Este foi o ano da sensibilização. E acredito que daqui a três ou quatro anos ainda nos peçam acções de sensibilização. Porque a classe docente é tão móvel, tão flutuante, que está sempre gente a chegar. Por outro lado, nós vamos a uma escola que tem 80 ou 90 professores, e só cinco é que fazem parte de uma acção de sensibilização. Depois deste ano, o que poderá ser feito? Após esta sensibilização, vamos tentar perceber de que é que as escolas precisam, quais são as necessidades reais de cada uma delas.

São diversos os caminhos que cada escola segue nesta área. Há escolas, por exemplo, que juntam vários grupos disciplinares, e tentam definir objectivos, para cada disciplina, para aquele ciclo de ensino. Então podemos avançar para uma perspectiva já de acção. Delinear uma articulação curricular entre os objectivos da educação sexual e os das várias disciplinas.

As “Linhas orientadoras” já fornecem pistas, mas cabe também aos professores descobrirem, procurarem essa articulação. E para isso podem sempre solicitar a nossa ajuda.

Quando os professores estão envolvidos, as escolas acabam por encontrar formas originais de fazer educação sexual e, tendo em conta isso mesmo, estamos a pensar realizar, em Setembro, um dia de *Workshop*. Um dia para intercâmbio de experiências, entre escolas em que se realizaram acções de sensibilização, para trocar ideias sobre aquilo que foi feito, as dificuldades sentidas e que de forma foi possível ultrapassá-las.

#### O QUE PODEREMOS SALIENTAR NO TRABALHO DESENVOLVIDO NA ÁREA DE LISBOA?

O facto de haver uma articulação muito positiva com o grupo técnico de Promoção e Educação para a Saúde (TPES) da Direcção Regional de Educação de Lisboa (DREL), tem facilitado muito este trabalho. Quando uma escola nos contacta, podemos imediatamente comunicar entre nós. Esta proximidade é importante. Estas técnicas são profissionais que reconhecem o trabalho que a APF tem desenvolvido e sentem-se envolvidas. Há uma acessibilidade entre as pessoas muito facilitadora em termos de recursos humanos. É uma parceria real.

Por outro lado, o volume de solicitações é muito grande, comparativamente às outras zonas do país. Mesmo em termos relativos.

Outro elemento a assinalar – quando vamos às escolas, constatamos que é frequente haver quem já tenha ouvido falar ou contactado com a APF. Penso que isso se deve também ao facto de haver um centro de documentação sediado no mesmo espaço físico da delegação de Lisboa. Um recurso que sempre divulgamos nos nossos contactos com as escolas.

Por parte de muitos professores há uma receptividade muito grande e uma curiosidade em relação aquilo que já fazemos e de que forma o fazemos. Como se tem conseguido, ao longo destes anos, desenvolver este trabalho.

Penso que estes são aspectos fundamentais.

Por outro lado, é indispensável ter em conta as diferentes realidades sociais, as orientações das diversas culturas. Numa escola, há o tronco comum que é importante respeitar, mas depois há especificidades – as necessidades e problemas próprios – e, na elaboração do projecto, o professor terá que ter tudo isso em conta.

Muito mais do que dizer “é assim”, o que importa é ajudar os jovens a pensar sobre as coisas. Ser o máximo um moderador e não alguém que está ali para fazer um determinado discurso.

#### ESTAMOS A ENTRAR ASSIM NUMA OUTRA ÁREA, A DO QUE SE ENTENDE POR EDUCAÇÃO SEXUAL.

Há uma actividade que fazemos com os professores, em que se lhes pede que preencham um questionário sobre educação sexual e se pergunta se consideram que as situações apresentadas têm a ver com educação sexual

e porquê. Numa fase seguinte, organizados em grupos, pede-se-lhes para encontrarem um consenso em relação às várias conclusões a que chegaram. Surgem assim diferentes opiniões e disparidade de argumentos. O que põe as pessoas a pensar e a aferir o conceito.

Por exemplo, há quem diga, face a uma determinada situação, que “isto não é uma situação de educação sexual, é uma situação de deseducação sexual”. É certo. Mas também existe educação pela negativa. Pela negativa também posso transmitir valores e atitudes, mas não deixa de ser educação sexual.

#### NESTAS ACÇÕES DE SENSIBILIZAÇÃO, COMO SE DESENVOLVE A RELAÇÃO ENTRE A APF E OS PROFESSORES?

Há situações muito diferenciadas. Quando chegamos à escola – quer estejamos a trabalhar com profissionais de saúde, com profissionais de educação ou com jovens – pedimos sempre a disposição da sala com as cadeiras em círculo, em U, sem secretárias. E é curioso constatar que há professores que não se sentam nesse U, mas por detrás. À partida, isso já nos diz muito. Há assim todo um trabalho inicial de quebra-gelo, para todos nos sentirmos mais à vontade para trabalhar.

Mas para muitos, o primeiro impacto é de alguma estranheza. “Não era de nada disto que eu estava à espera”. E o espaço é importante. Sempre recusamos o auditório, porque não se trata de uma palestra e o que queremos é que as pessoas se impliquem.

Quando distribuímos uma folhinha para saber o que os professores esperam de uma acção de formação, é normal surgir a resposta – “receber informação”. Ora “receber informação” é estar sentado numa cadeira, de uma forma passiva.

Há, por outro lado, escolas em que as pessoas são muito receptivas. Em qualquer dos casos, acabam por se dar conta de que não é fácil.

#### DEPOIS DA ACÇÃO DE SENSIBILIZAÇÃO, NOTA-SE UMA DIFERENÇA?

Nota-se. Para já, estas acções geram sempre muita discussão. É muito importante as pessoas falarem sobre as coisas, terem um espaço para *falar sobre*. O partilhar em grupo uma situação é essencial. O professor que partilha com o grupo uma dificuldade que sentiu no espaço da sala de aula, que tenha a ver com um conteúdo da área da educação sexual ou da área da sexualidade, dá um bom contributo para todos. Algumas pessoas jamais o fariam, noutras condições. Há professores que falam, por exemplo, das dificuldades que sentem. E dos seus receios. De que forma poderão ultrapassar os obstáculos. E isto é fundamental. Uma pessoa ter a consciência daquilo que está a fazer, das nossas próprias dificuldades. E saber que pode contar com apoio e ajuda. De outro professor, de uma enfermeira ou do médico da saúde escolar, que tem uma forma de estar com os alunos mais natural.

As acções acabam muitas vezes por desbloquear alguns desses obstáculos, muitas vezes enraizados. Nestas acções temos professores de vários grupos disciplinares. Professores que já dão aulas há 20 anos, e outros apenas há dois ou três. E noto que os mais jovens são os mais preconceituosos, os mais resistentes. À partida, nas escolas em que já há trabalho efectivo, a equipa responsável dessa escola é maioritariamente constituída por pessoas que dão aulas há muito mais anos.

**EM QUE PONTO ESTAMOS, NESTE MOMENTO?**

Estamos neste momento muito centrados nas acções de sensibilização, que continuaremos a fazer, mas muito receptivos a qualquer pedido – ou de acompanhamento de projectos, ou de apoio documental – em relação à efectiva implementação da educação sexual nas escolas. **x**



# Oficina de Trabalho

*Cerca de 100 pessoas participaram na Oficina de Trabalho sobre Educação Sexual, organizada por Elsa Mota (Coordenadora da Delegação de Lisboa da APF) e Elisabete Souto (Técnica do Projecto de Educação Sexual da Delegação de Lisboa da APF), da APF, e pelo Grupo Técnico de Promoção e Educação para a Saúde, que teve lugar e Lisboa, em 10 de Julho. Na iniciativa, que contou com a participação de João Diegues (Presidente da Delegação de Lisboa da APF, Médico de Saúde Pública) e Engrácia Antunes (Coordenadora do Grupo Técnico de Promoção e Educação para a Saúde de Lisboa), foram apresentados projectos de quatro escolas. Duas de Setúbal – ES António Gedeão e EB2/3 Luísa Todi, uma de Santo António de Cavaleiros – EB 2/3 Maria Veleda, e outra de Ourem – Agrupamento D. Afonso IV.*

Da apresentação de Projectos das Escolas, que decorreu durante a parte da manhã, salientam-se as seguintes conclusões:

1. Os Projectos de Educação Sexual em meio escolar desenvolvem-se através da cooperação pluridisciplinar;
2. O seu sucesso depende do trabalho prévio que é necessário realizar antes da sua implementação no sentido de envolver todos os destinatários (alunos, professores, técnicos auxiliares de educação, pais). Nesta fase, o principal é estabelecer uma **relação de confiança**.
3. Estes projectos desenvolvem-se num contexto de escola aberta às parcerias interinstitucionais e ao trabalho multidisciplinar. Estas parcerias assentam na co-responsabilização;
4. Muitos destes projectos iniciam-se com uma adesão voluntária dos professores e, a partir deste momento inicial, a inovação no processo educativo deve privilegiar o debate entre os próprios jovens, sendo a educação interpares uma componente considerada relevante;
5. Estrategicamente, o processo no qual a Educação Sexual se insere é o de promoção da saúde e de desenvolvimento pessoal. **Complementarmente** faz sentido desenvolver estratégias de prevenção aos diferentes níveis para a resolução de problemas detectados.  
Em muitos casos, aquando do diagnóstico de situação, é esta lista de problemas que surge numa fase inicial;

6. A formação de professores é uma necessidade sentida e amplamente expressa pelos professores como um alicerce fundamental para o desenvolvimento/continuidade do processo;
7. **Saber ouvir** é um denominador comum a todos os projectos apresentados
8. No Projecto apresentado pelo agrupamento de escolas D. Afonso IV de Ourem, avançou-se pela gestão flexível dos currículos e pela partilha de metodologias activas;
9. A nível do Ensino pré-escolar e 1º ciclo, o recurso aos pais como “visitantes externos” tem-se revelado como uma experiência muito relevante no desenvolvimento dos projectos de educação sexual e facilita a compreensão dinâmica, que a escola deve ter, da vida que a rodeia;
10. Têm sido experimentadas, nestes projectos, diversas formas de atendimento de adolescentes e, no seu conjunto, esta resposta potencia o desenvolvimento dos projectos de educação sexual na escola. **x**

*Ao longo do ano lectivo de 2000/2001, 84 escolas pediram apoio à delegação de Lisboa da APF, para acções de sensibilização para professores, pessoal não-docente e pais, previstas no âmbito do Protocolo APF/ME.*

*No total, contam-se 1208 professores, envolvidos e apoiados nesta área, que, após acções de sensibilização, contactaram Centros de Formação de Professores (CFP) para cursos mais estruturados de 25 ou 50 horas.*

*Como o Protocolo prevê a possibilidade de o desenho desses cursos contar com a participação das estruturas de formação, tem-se vindo a registar um número crescente de pedidos nesse sentido. Em causa estão, nomeadamente, os CFP da Parede, Benavente, Seixal, Oeiras, Coruche, Benfica, Amora/Corroios, Peniche e Cacém/Queluz.*

# A Construção de um Espaço Formativo

## Intercâmbio Regional de Experiências – Évora

**Isabel Carreira** [*Consultora para o Projecto de Educação Sexual em Meio Escolar*]

No âmbito do protocolo existente entre a A.P.F e o M.E./CCPES e com o apoio do Instituto de Inovação Educacional, decorreu em Évora no dia 30 de Maio de 2001, um Encontro de Escolas dos vários níveis de ensino, que se baseou nas experiências desenvolvidas pelas Escolas da Região Alentejo e que contou com a presença de cerca de cem educadores, do âmbito da educação e da saúde.

As Escolas que apresentaram experiências foram a Escola Secundária de Alcácer do Sal; a Escola Secundária de Sines; a Esc. E.B. 2,3 Cristovão Falcão – Portalegre; a E B 2,3 André de Resende – Évora; a E B 2,3 Padre Bento Pereira – Borba e Jardim de Infância do Alandroal.

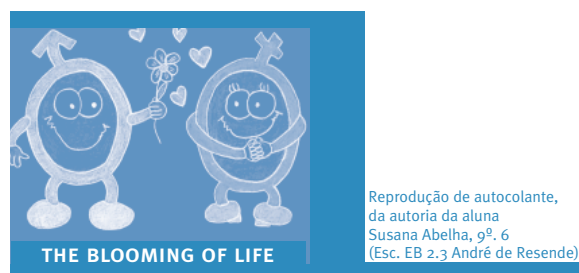
O intercâmbio regional contribuiu para a promoção de um espaço de troca e avaliação de experiências, para uma reflexão que visou o desenvolvimento da Educação Sexual em Meio Escolar, no sentido em que os Educadores, Professores e Técnicos de Saúde se sintam mais motivados pelas boas práticas para o seu efectivo envolvimento na concepção e implementação de Projectos de Educação Sexual na Escola.

Os ateliers de formação, que decorreram durante a tarde, visaram ainda tornar possível a vivência/reflexão sobre metodologias adequadas em Educação Sexual, no sentido não só do saber fazer, mas também do saber ser e do saber estar.

As experiências diversificadas de parcerias entre a Educação e a Saúde foram reveladoras das potencialidades do trabalho em rede que já existe disseminado pelo nosso Alentejo.

Das boas práticas das Escolas aqui deixamos os elementos mais relevantes:

- Parceria efectiva entre a Educação e a Saúde desde a concepção, passando pela implementação à avaliação do projecto de Educação Sexual;
- Apoio da A.P.F. na formação dos adultos intervenientes nos projectos.
- Os alunos foram os sujeitos do processo criativo de diaporamas e de outros materiais educativos, numa verdadeira formação inter-pares (destaque para a Escola EB 2,3 Padre Bento Pereira – Borba e a Escola EB 2,3 André de Resende – Évora)



- Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade no tratamento dos temas, de acordo com as necessidades/interesses de cada grupo/turma.
- Integração dos Projectos na RNEPS, nos Planos Anuais de Actividades e Projectos Educativos de Escola.
- A integração da Educação Sexual no Jardim de Infância do Alandroal de forma natural, integrada no cur-

riculo formal e informal, através de metodologias adequadas ao nível etário.

Em jeito de análise de resultados, podemos concluir o seguinte:

- A natureza eminentemente prática da formação, vocacionada para estratégias concretas directamente ligadas com a promoção e educação para a saúde e especificamente com a Educação Sexual, bem como o carácter inovador destas metodologias fazem-nos prever uma efectiva melhoria das relações interpessoais e uma evolução qualitativa dos Projectos de Educação Sexual em Meio Escolar.

Neste contexto, salientamos a avaliação que foi feita relativamente ao contributo deste Encontro para o trabalho futuro, revelando-se uma aprovação de 9,8. (Escala de 1 a 10)

A análise dos resultados dos questionários aplicados aos participantes, torna visível as potencialidades deste tipo de formação, baseada na troca de experiências, que alia o saber-fazer ao saber-ser e que contribui para a implicação dos intervenientes na adequação das estratégias/metodologias que conduzam ao desenvolvimento de atitudes e comportamentos mais responsáveis, no que se refere à Saúde Sexual e Reprodutiva. **x**

# Educação Sexual

## Um desafio em parceria

Maria José Silvestre [Professora, Coordenadora do Projecto da RNEPS]  
Margarida Sim-Sim [Enf.<sup>a</sup>, Escola Superior de Enfermagem São João de Deus - Évora]

A implementação da área transversal da Educação Sexual tem vindo a acontecer na Escola E. B.2,3 André de Resende de Évora como um desafio que, ano após ano, diversos elementos da comunidade educativa se têm colocado e têm aceite.

As actuais parcerias da Escola com o Centro de Saúde de Évora e com a Escola Superior de Enfermagem São João de Deus (ESESJD) resultam de um processo de aprendizagem levado a cabo em conjunto e de uma mútua abertura que, passando por diferentes fases e por diferentes tipos de intervenção, têm sabido proporcionar aos jovens alunos dos 2º e 3º Ciclos de escolaridade da Escola André de Resende o desenvolvimento de atitudes saudáveis no que concerne à sua vida sexual.

Em 1996/97 o **Projecto «Sentir a Saúde»** surge na Escola por proposta conjunta do Centro de Saúde de Évora e da ESESJD, que o Conselho Pedagógico da Escola aceita e que envolve, nesse ano lectivo, cerca de 15 professores. O Projecto decorre ainda, nos anos dois lectivos seguintes (1997/98 e 1998/99) implementando na Escola a vertente da Educação Sexual e abarcando três áreas essenciais de actuação: surge na Escola o **Gabinete de Atendimento a Alunos** (o local das «Conversas com Jovens»), faz-se Formação de professores nas áreas de Atendimento de Alunos e de Educação Sexual, procede-se à *intervenção em turmas*, abordando temáticas identificadas pelos alunos (como os afectos, as doenças sexualmente transmissíveis, o HIV, o planeamento familiar, etc.). Privilegia-se a intervenção directa em turmas do 8º e do 9º anos, mas o Gabinete de Atendimento regista, desde o início, uma adesão muito grande de alunos do 2º Ciclo. O Atendimento em Gabinete é efectivado por um par

constituído por um professor e por um enfermeiro; dessa actuação em parceria resulta uma verdadeira auto e hetero-formação. Os professores envolvidos neste projecto recebem, ainda, *formação nas áreas do atendimento e da educação sexual* através da vinda à escola de alguns formadores externos.

As áreas de intervenção do Gabinete de Atendimento a Alunos são diversificadas. Para além do atendimento individual, realiza-se, não raras vezes, o atendimento a grupos, os quais tentam encontrar aí a resposta para as suas dúvidas ou problemas comuns; muitas vezes o grupo funciona apenas como apoio de um dos seus elementos para cujo problema tenta encontrar solução. O Gabinete tem sido, ainda, *um espaço onde algumas turmas de risco* (como as turmas de Currículo Alternativo) *acabam por passar as suas horas vazias de hora de almoço*, acompanhadas por um professor da turma, conversando, lendo, ouvindo música ou jogando. O Gabinete encontra-se *apetrechado com folhetos informativos de diversa ordem* (gentilmente trazidos pelos colaboradores da área da saúde), *livros sobre temáticas da adolescência e da saúde* (em especial questões relacionadas com a sexualidade e com as relações humanas) *que são emprestados aos alunos*. A colaboração com os Directores de Turma e os professores em geral tem levado a que se faça o *encaminhamento de alguns alunos para consultas de especialidade*, acontecendo mesmo o *despiste de algumas doenças*; este tipo de intervenção implica o envolvimento e o apoio à família, e regista-se, sobretudo, em casos de crianças oriundas de meios sociais mais desfavorecidos.

A partir de 1999/2000, com a integração do Agrupamento de Escolas nº2 de Évora (do qual a Escola André

de Resende é a escola-sede) no Projecto de Rede Nacional de Escolas Promotoras de Saúde (RNEPS), regista-se *a integração dos objectivos da Educação para a Saúde no Projecto Educativo do Agrupamento*. Nos dois últimos anos lectivos (1999/2000 e 2000/2001), a Educação Sexual tem sido operacionalizada por diversas novas vias, para além das atrás referidas. Por um lado, regista-se a criação de um **Clube de Educação Sexual**, destinado a alunos dos 8º e 9º anos, com os objectivos de *Proporcionar um espaço de reflexão sobre a temática da Educação Sexual e Fomentar a Educação para a Saúde, Promover o desenvolvimento de atitudes responsáveis quanto à sexualidade*.

A temática da Educação Sexual surge, ainda, em diversos **projectos de turma**, projectos de Área-Escola, como é o caso do bem sucedido projecto europeu (Sócrates Comenius) «*Ser Saudável*», o qual envolve alunos da Grécia, Itália e Inglaterra, que se correspondem com três turmas (dos 2º e 3º Ciclos) da Escola André de Resende. Este projecto tem proporcionado, por exemplo, *a investigação da problemática da gravidez na adolescência, a observação e exploração de vídeos, a produção de textos como as dramatizações ou a produção de autocolantes*; tudo isto tentando cumprir o grande objectivo de *desenvolver atitudes responsáveis quanto à sexualidade*.

É também nos dois últimos anos lectivos que a Escola passa a **acolher Enfermeiros Estagiários** da ESESJD, que aí realizam o seu estágio de enfermagem, intervindo em três áreas fundamentais: a intervenção em turmas, o atendimento no Gabinete e a intervenção no espaço escola.

É de actuações e aprendizagens conjuntas ao longo de cinco anos lectivos que a Educação Sexual na Escola

E.B.2,3 André de Resende se tem constituído enquanto ***caminhar conjunto*** que assenta do desenvolvimento de uma parceria entre a Educação e a Saúde, um desafio assumido em conjunto.

#### RELATO DE EXPERIÊNCIA DE PARCERIA ENTRE A ESCOLA SUPERIOR DE ENFERMAGEM SÃO JOÃO DE DEUS DE ÉVORA E A ESCOLA E.B. 2,3 ANDRÉ DE RESENDE DE ÉVORA

O que nos faz mover são razões de interesse profissional que com o andar do tempo se tornam também razões pessoais, uma vez que a parceria André de Resende/ESESJD se revelou gratificante para ambos os intervenientes, levando ao estreitamento das relações e à repetição de contactos.

A experiência que aqui vou relatar diz respeito, pelo que toca à Escola de Enfermagem, ao processo de ensino-aprendizagem de alguns alunos-enfermeiros do 4º ano. O Curso de Enfermagem, anteriormente com o nível de bacharelato, evoluiu para licenciatura. O plano de Estudos foi reformulado, e no contexto da reformulação, surgiram disciplinas novas, dentro das quais, disciplinas de opção. Se a parceria tinha sido inicialmente informal, e resultado de disponibilização e interesses dos professores (e pais) de ambas as instituições, formalizou-se através da constatação do interesse que a quantidade e qualidades de contactos entre as duas escolas, sugeria.

A escola André de Resende, constituiu, no ano lectivo anterior (e também no presente ano lectivo), um campo de experiência clínica para os alunos do 4º ano que escolheram as opções de Saúde Sexual e Reprodutiva e Saúde Comunitária. No presente ano lectivo a opção presente, denominou-se “Saúde na Adolescência”.

Em termos práticos, e porventura utilizando uma linguagem “comercial”, poderemos dizer que a escola de Enfermagem através da oferta de um serviço, obtém a utilização de um campo de experiência prática; a André de Resende, através da oferta de um campo prático, obtém um serviço. Julgamos que existe uma verdadeira parceria, na medida em que há benefício para ambos os lados, ou seja, ambas as escolas colhem frutos no processo.

A proposta de trabalho da ESESJD, na Escola André de Resende, no âmbito da formação dos alunos do 4º Ano, dirigia-se a dois tipos de actuação junto dos alunos-adolescentes:

- a intervenção em espaço-turma
- o atendimento e gabinete – é o que vou relatar, começando pela intervenção em espaço-turma

Na impossibilidade de chegar a todas as turmas, houve necessidade de definir alguns critérios, definição essa, que envolveu os professores de ambas as instituições. Resultaram estes critérios das situações que se entenderam como apropriadas e também prioritárias, quer para o papel desejável do enfermeiro-aluno do 4º ano, quer para a informação/formação dos alunos adolescentes.

Alguns destes critérios foram:

- turmas de alunos com comportamentos conhecidos e caracterizados como problemáticos
- turmas que se abeiram do final da formação – 9º ano – portanto concluindo a escolaridade obrigatória, e

em termos teóricos, com a informação/formação mínima para a vida

- turmas com curricula flexível – turmas de alunos que vêm demonstrando algum insucesso escolar, com idade “avançada” e estão na profissionalização ou outras turmas que pudessem beneficiar em termos de alargamento de horizonte de conhecimentos para a sua própria vida

Houve a necessidade de planear o trabalho, trabalho esse que teria como substracto, as indicações dos docentes da escola André de Resende.

Assim, partiu-se de reunião prévia entre a coordenadora de grupo da André de Resende e os professores provavelmente interessados. Seguiu-se, num momento posterior, a reunião conjunta entre os docentes das duas instituições, tendo sido “colocado sobre a mesa” o possível trabalho a desenvolver, tentando ajustar perspectivas de actuação. Nessa reunião estiveram também presentes os enfermeiros que estão designados pelo Centro de Saúde, que habitualmente se deslocam à escola André de Resende actuando em gabinete de atendimento e que são também conhecedoras da situação de saúde-escolar. Naturalmente que os professores da André de Resende, conhecendo os seus alunos, poderiam oferecer subsídios para o planeamento geral do Ensino Clínico, que seria mais tarde apresentado aos alunos do 4º Ano.

#### PRÁTICAS PARA A DEFINIÇÃO DA POPULAÇÃO-TURMA

Houve a necessidade de planear o trabalho, trabalho esse que teria como substracto, as indicações dos



docentes da escola André de Resende. Assim, partiu-se de reunião prévia entre a coordenadora de grupo da André de Resende e os professores provavelmente interessados. Seguiu-se, num momento posterior, a reunião conjunta entre os docentes das duas instituições, tendo sido “colocado sobre a mesa” o possível trabalho a desenvolver, tentando ajustar perspectivas de actuação. Nessa reunião estiveram também presentes os enfermeiros que estão designados pelo Centro de Saúde, que habitualmente se deslocam à escola André de Resende actuando em gabinete de atendimento e que são também conhecedoras da situação de saúde-escolar. Naturalmente que os professores da André de Resende, conhecendo os seus alunos, poderiam oferecer subsídios para o planeamento geral do Ensino Clínico, que seria mais tarde apresentado aos alunos do 4º Ano.

Os objectivos do ensino clínico foram definidos desta maneira. A preocupação de base na formação dos alunos do 4º Ano seria o proporcionar de experiências que habitualmente, em meio hospitalar não têm, e que em cuidados de saúde primários são por vezes esquecidos. Ou seja, levar os alunos-enfermeiros para a comunidade real, para o exterior da protecção oferecida pelas “paredes” do hospital ou centro de saúde, integrando-os na comunidade escolar. Não será estranha a esta perspectiva de formação dos alunos, alguma vontade de fazer “coisas” novas, porventura também, tornar mais visível a participação da ESESJD na comunidade eborense.

Ao grupo de alunos do 4º ano foi apresentado o planeamento do ensino clínico. Cada pequeno grupo de alunos ficaria com uma turma da escola André de Resende, indicando-se os passos fundamentais a per-

correr e sugerindo-se a manifestação de capacidades criativas e interventivas. Cada pequeno grupo redigiu um projecto.

A construção do projecto levou ao percurso de alguns passos que se indicam:

- reflexão sobre os dados oferecidos pelo Director de Turma – cada pequeno grupo abeirou-se do Director de Turma e colheu elementos que permitiram o iniciar do processo
- Construção de questionário caracterizador com blocos de interesse – situação familiar, hábitos – atenção aos alunos com dificuldades de expressão
- Identificação dos interesses dos alunos – não existiu “projecto tipo”, cada turma indicaria os interesses mais relevantes a serem tratados em espaço-turma
- Informação aos pais sobre as temáticas eleitas pelos alunos adolescentes
- Planeamento das intervenções – enquadramento no horário dos alunos em tempos lectivos cedidos pelos professores de várias disciplinas; preparação das intervenções com a regente
- Realização das intervenções – sempre acompanhadas pela regente do ensino clínico
- Avaliação – redacção de relatório final, para cada turma que foi objecto de cuidados, e que foi dado a conhecer, quando a experiência clínica terminou, à escola André de Resende

Nota: o projecto e as intervenções em espaço-turma foram sempre do conhecimento do Director de Turma.

Procurou-se sempre ir ao encontro dos interesses dos alunos-adolescentes. Estes são alguns exemplos de temáticas abordadas, não tendo sido exactamente as mesmas em cada turma, uma vez que se partiu das vontades expressas pelos alunos.

Procurou-se dar uma visão abrangente das temáticas e não privilegiar só aspectos orgânicos ou só aspectos relacionais. Na medida em que consciencializando os nossos próprios valores e formas de pensar ou agir, poderemos mais facilmente colocá-los “em suspensão” e evitar “contaminar” o nosso discurso, houve a preocupação de fazer os alunos do 4º ano reflectir sobre estes aspectos e levá-los, na prática, a evitar passar juízos de valor aos adolescentes.

Preferiu-se uma actuação que mostrasse os vários caminhos possíveis a percorrer, dando sempre a ideia de que cada pessoa desenha para si mesma o seu futuro de vida. Ou seja, numa palavra, procurou-se que o aluno adolescente consciencializasse a sua própria responsabilidade nas pequenas “escolhas”, nas atitudes ou comportamentos que tem no dia-a-dia, oferecendo-lhe a informação que o próprio solicitava. Temos no entanto consciência de que a mudança de atitudes e comportamentos é algo muito difícil de atingir, envolvendo as decisões pessoais, mas também todos os modelos presentes (familiares, pares, mass-media...) na formação daquelas pequenas pessoas que são os adolescentes.

A avaliação do trabalho desenvolvido junto dos adolescentes resultou da interpretação das respostas

a questionário final, onde foram contemplados por exemplo:

- perspectiva dos adolescentes sobre a validade das intervenções
- qualidade da relação enfermeiro-adolescente
- respeito pela opinião/forma de estar do adolescente

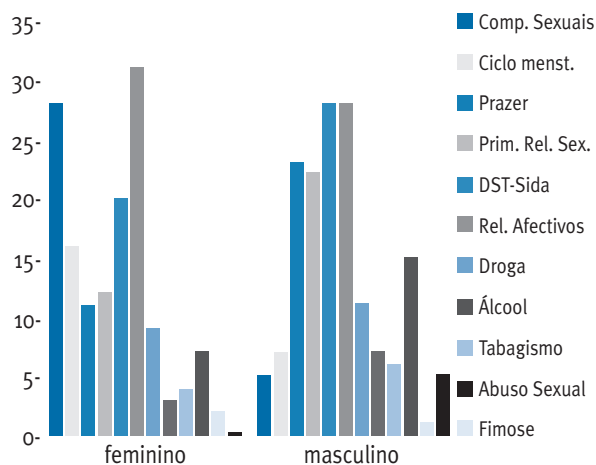
A avaliação não se destinava a testar os conteúdos, mas a avaliar os contributos para o desenvolvimento, na perspectiva do próprio respondente. Estes são alguns exemplos das questões colocadas no questionário final.

As intervenções em gabinete de atendimento foram também objecto de planeamento. Foi feita uma escala de presenças para os alunos do 4º ano, ocupando vários momentos ao longo da semana no contexto do horário escolar. Cada pequeno grupo de alunos do 4º ano atendia individualmente ou em grupos de adolescentes. A procura foi grande, havendo a necessidade de estabelecer um número máximo de adolescentes em simultâneo. Julga-se que o facto de os adolescentes procurarem o gabinete acompanhados pelo “amigo”, ou “amigos”, foi facilitador da exposição das questões que aí os levavam. Também no atendimento procurou-se que não houvesse “receitas” para as questões apresentadas, oferecendo as várias perspectivas possíveis. Sinalizaram-se casos problemáticos, como por exemplo do adolescente com fimose.

Ao observar as visitas dos adolescentes, verificou-se que alguns passaram a escolher os horários dos alunos-enfermeiros com os quais, dada a repetição de

visitas, começaram a desenvolver relações mais próximas. Alguns adolescentes iam ao gabinete colocar questões que os inquietavam, outros iam para “apenas para falar” sem ter seleccionado assunto prévio, como foi referido expressamente por alguns deles. Durante o ensino clínico houve 266 visitas ao gabinete. Incluem-se aqui todas as visitas, algumas delas repetidas.

Resumo das temáticas solicitadas  
Exemplificação de questões colocadas em gabinete  
Comparativamente rapazes e raparigas



Foi realizada avaliação formal através do preenchimento de um questionário respeitante ao ensino clínico, que se dirigiu a aspectos aqui indicados sumariamente.

#### AVALIAÇÃO DOS ALUNOS ENFERMEIROS

A avaliação informal, no contexto da reunião final de avaliação também evidenciou alguns aspectos que

aqui são exemplo através das expressões dos alunos-enfermeiros

#### PERSPECTIVA DE FUTURO DA PARCERIA

A bordo não há desistências...

No presente ano lectivo encontramos também na escola André de Resende, este ano com a opção denominada "Saúde na Adolescência", sensivelmente com a mesma metodologia de trabalho. Parece-nos que é de continuar! x

# Educação Sexual é dar afectos...

**Deolinda Madureira** [*Educadora, Jardim de Infância do Alandroal, Distrito de Évora*]

O Jardim de Infância é visto pelos Educadores como um local privilegiado no processo de Educação de cada ser humano (criança). O papel do educador é determinante na vida académica e pessoal das crianças que por ela passam, os seus alunos.

O nosso papel como Educadores é ajudar as crianças a perceber o mundo que os rodeia. Tendo sempre bem presente que o objectivo último da Escola é o crescimento de SUJEITOS LIVRES E RESPONSÁVEIS, e que a Educação Sexual é dar afectos, parte essencial do processo que conduz ao reconhecimento do outro como sujeito de direitos.

Desde que a relação dos Pais e a vida em família seja equilibrada e rica de afectos e de cultura, no sentido de sabedoria de viver, a criança ganha normalmente a segurança e autonomia que lhe permitem integrar modelos e vivências, seleccionando-os em função do eu, protegido por uma sólida e tranquila relação. Apesar destas premissas, a Escola e o professor-educador têm um lugar significativo na complementarização da educação familiar.

Na Escola, o afecto do Educador, a proximidade deste com os alunos, a relação dialogante é factor fundamental. E isto porque todo o Educador transmite não apenas o que sabe, mas aquilo que pensa, aquilo que é o mundo em que vive.

A Escola deve instituir actividades que sejam, elas próprias, no seu exercício, fonte de harmonia entre o corpo e o espírito, vivência saudável da sexualidade. Parece-nos aberrante falar em Educação Sexual e em conhecimento do corpo, sem que na Escola, o despor-

to, o movimento, o teatro e a dança sejam prática curricular perfeitamente instituída.

Nada melhor para conhecer, sentir e valorizar o corpo, do que dominá-lo pela Educação Física, confrontá-lo com outro na proximidade da dança, exercitá-lo na expressão corporal e dramática. O conhecimento do corpo tem que passar pela sua valorização sensível e harmoniosa, pelo conhecimento dos órgãos que o constituem e pelos cuidados necessários para o manter com saúde e beleza. Abordar e efectivar a higiene corporal, levar as crianças desde cedo a serem autónomas na sua prática, exige tacto e sensibilidade, envolvendo a família e eventualmente técnicos ligados à saúde.

A Escola não pode funcionar do mesmo modo em todos os sítios e com toda a população. ELA TEM QUE SERVIR A CULTURA DO LUGAR E DAS PESSOAS QUE NELE VIVEM.

Assim, tudo se pode tornar interessante e alcançar importantes objectivos se os docentes tiverem uma atitude reflexiva sobre as necessidades sócio-pedagógicas que lhe são confiadas. A afectividade, sobretudo no que diz respeito à Educação Sexual, tem que estar sempre presente, aliada a uma sensibilização estética e ética. As histórias lidas, contadas, dramatizadas, terão um sentido profundo no imaginário amorosos da criança, não se podendo esquecer o valor simbólico dos contos infantis também ao nível da sexualidade.

No nosso Jardim, para além dos diversos projectos que temos levado a cabo, temos estado a trabalhar uma história que vos trago como mostra.

Trata-se da história do Sapo Apaixonado, da Editorial Caminho, a qual foi transposta para slides e dessa forma recontada às crianças do Jardim de Infância.



Poder-se-á pensar que falamos de uma Escola idealizada para uma adequada Educação Sexual. Apon-tamos um caminho, tendo em conta que a Escola de hoje deve estar em mudança de forma a acompanhar as profundas alterações da sociedade, tendo em vista uma Educação para o futuro. Aos Educadores impõe-se uma reflexão crítica e esclarecida sobre aquilo que a sociedade oferece como modelo e o que a Escola deve fazer para formar e educar.

A Educação Sexual acontece e aconteceu sempre no convívio familiar.

A silva nasce da silva  
A silva nasce do chão,  
O Amor nasce da alma,  
Da raiz do coração.

(Popular)

Soube responder ao seu aluno quando ele lhe pergun-tou porque razão alguns gémeos se parecem tanto e outros não?

Fugiu quando ele lhe perguntou de onde saíam os bebés?

A pergunta sobre a origem dos bebés precisa de respos-tas claras e verdadeiras. Quando não se responde aos

mais pequenos eles tiram as suas próprias conclusões, que nem sempre são as mais adequadas, não facilitan-do em nada o seu desenvolvimento afectivo e sexual. Educar não é apenas descrever os aspectos fisiológicos e anatómicos da reprodução. Também é necessário falar-lhes de amor, de amizade, do prazer, da responsa-bilidade...

Todos os professores querem que os seus alunos cresçam felizes e saudáveis. Sobretudo na adolescên-cia, preocupa-os que desenvolvam uma sexualidade sã e responsável e que tenham uma gravidez não dese-jada que possa modificar por completo as suas vidas. Também, por isso é necessário abordar os temas desde que eles são pequenos.

*Quando uma criança faz uma pergunta é porque está preparada para ouvir a resposta. Uma resposta ade-quada à sua idade. Nas nossas respostas é tão impor-tante a informação que damos como a nossa atitude. É preciso termos uma atitude o mais natural e recepti-va possível, que favoreça o diálogo e a confiança. x*

# Sexualidade Metaforicamente falando...

Elizabete Madeira Batista [Estudante Esc. Sec. S. João de Deus – Faro]

O meu irmão interrompe-me. Entra no meu quarto com o seu ar de palhaço sempre em serviço e pergunta-me: “O que é que estás a fazer?”. Eu respondo secamente: “A escrever um texto sobre sexualidade.” É claro que o palhaço teve de responder, afinal o seu objectivo é fazer rir, não podia sair do quarto sem que o atingisse. “Desde quando é que se escrevem textos sobre sexualidade?! Já reparaste no que é que está na base da palavra?: SEXO! E isso pratica-se, não se escreve! Vê-se mesmo que és virgem maninha!”. Tentei controlar o riso e mostrar-me indignada com aquela resposta. Queria responder-lhe, mas de uma forma inteligente, só que apenas me saiu isto: “Tarado!”, e depois ri-me. Às vezes traio-me a mim mesma!

Mas será possível que as pessoas ainda acham que a sexualidade é uma forma erudita de se dizer sexo, e que a única componente emocional que a compõe é o desejo e o prazer provocado pela libido?! Se assim é, há muita coisa por aprender e, claro, para pôr em prática. Não, não me estou a armar em sabe-tudo, até porque só tenho dezassete anos (apesar de muitos gostarem de olhar para a adolescência como aquela fase irritante em que os jovens gostam de acreditar na onnipotência do seu próprio conhecimento). Aliás, só estou a falar assim porque tive o privilégio de participar numa acção de formação sobre esta palavra, o seu conceito e as suas componentes. Tudo aquilo que vou escrever é fruto dessa mesma acção de formação. E espero que este fruto seja colhido não só pelas pessoas mais íntimas que lidam comigo no dia-a-dia, como por aquelas que por qualquer motivo chegarão até mim, pois eu estarei pronta para semear também qualquer coisa nas mentalidades áridas que possam talvez precisar de ajuda. Sempre que puder e sempre

que me for possível, deixarei cair uma pétala nas mãos daqueles que estiverem receptivos a acolher uma nova forma de olhar para si mesmos e para os outros, construindo assim, em conjunto, um jardim coberto de flores capazes de despontar num único olhar.

Definir sexualidade. Não é fácil. Ela está presente naquilo que somos, na nossa condição humana. E não há nada mais complicado do que o Ser Humano. Pergunto porquê. Alguém me tentou explicar esclarecendo-me que o Homem é um ser bio-psico-social. Assim seja. Voltemos ao jardim!

Decido dar ao Homem a simplicidade e a beleza de uma rosa, suponhamos que eu sou essa rosa (de notar que as rosas não têm órgãos sexuais, mas eu continuo a escrever sobre sexualidade, por incrível que vos pareça). Estou plantada num imenso jardim e tudo à minha volta é tão belo que não consigo controlar o desejo de me libertar destas raízes que me limitam e me prendem à minha mãe terra. É ela que me impõe regras invioláveis que moldam o meu comportamento no meu limitado espaço de acção. Mas o desejo existe e a beleza à minha volta cativa-me. A beleza está no ar, nos movimentos ondulantes da vida em que me infiltro, na dança suave das pétalas sedosas e sorridentes bailando à minha frente... A beleza está em todo o lado, até está em mim: na minha fragrância alucinante, no meu vermelho distinto, nas linhas do meu ser enquanto flor... Mas não apenas flor, a beleza está em mim e todos podem olhar-me e dizer: “Ali está uma rosa!”. E eu sei ser rosa como ninguém, e distingo o meu papel interpretando-o sem erros porque sei as diferenças entre uma rosa e um cravo. Ponto final, parágrafo.

Olho para mim e reconheço-me como uma rosa. Tudo o que faço e sinto depende dessa minha condição. É através da sexualidade que sei aquilo que sou, é ela que me permite conhecer as diferenças, pelo menos as básicas, entre um homem e uma mulher, neste caso, entre um cravo e uma rosa. Este é um dos papéis fundamentais da sexualidade: a identificação sexual.

O jardim é enorme e está cheio! Mas nunca ninguém colocará nos seus portões majestáticos nenhuma placa que diga: “Lotação Esgotada”! Pois a beleza que impera na heterogeneidade deste espaço é demasiado preciosa, e ninguém será capaz de por um fim determinante à multiplicação desta riqueza. O jardim envolve-nos e tudo o que é vida floresce dentro dele. Os movimentos tocam-se, o ar que inspiramos é o mesmo, o sol e a terra alimentam-nos, a água escorre-nos pelo caule, e a cumplicidade de nos complementarmos gera fogos esfuziantes de artifício, onde a nossa seiva se mistura e nos ilumina. É então que, no espaço outrora vazio à minha frente, nasce uma nova plantinha! E, a partir do momento em que rompeu o ventre terreno da sua mãe, tornou-se numa pincelada absolutamente indispensável para que, ao pôr-do-sol, o jardim alcance o apogeu da sua beleza. Neste exacto momento, em numerosos espaços mágicos dentro da magia do nosso mundo em forma de jardim, novas raízes crescem sob a terra húmida garantindo a continuidade natural desta riqueza sem preço que embeleza o mundo.

Mas eu sei, sinto a vibração doce da excelência de sermos nós perto dos outros! É tão visível aos olhos da alma a vida que existe neste espaço que nos envolve, as folhas desfolhadas, a seiva derramada, as pétalas

desfraldadas que pintam de paz o fio que nos une!... E ainda há quem pense que não existe absolutamente nada no ar que nos separa!

A sexualidade é, portanto, esta coisa simples de que vos falei. Simples se olharmos para nós como flores com corola e pétalas que se tocam, e sentirmos o mundo em que vivemos como um jardim que nos embriaga de beleza. A sexualidade é isto: este sentir o vento que nos afaga e nos empurra para os braços floridos de quem vibra a nosso lado; este saber quem somos olhando-nos e sentindo-nos como rosa ou cravo, homem ou mulher; esta certeza de que somos tão indispensáveis e belos que é preciso deixar um rasto nosso que possa um dia florir também neste jardim... A sexualidade é isto, foi isto que eu aprendi e foi assim que ela floriu dentro de mim.

Por isso, meu irmão, deixa-te de palhaçadas e deixa germinar em ti a ideia de que a sexualidade não se pratica apenas, mas também se sente! E às vezes nem se sente, está simplesmente lá, porque nos é inata. ✕



# Adolescentes, o Sexo e os Outros\*

Nuno Nodin [Psicólogo, Mestre em Psicologia da Saúde]

Não é fácil ser-se adolescente. É um período de grandes mudanças a vários níveis: familiares, sociais, emocionais, pessoais. É nesta fase que, de certa forma, o adolescente se torna pessoa, procura ganhar autonomia e tenta perceber qual a sua posição no mundo, sendo necessário, muitas vezes, dar algum significado à sua própria existência. Daí que esta seja também uma época de grandes ideais em que o adolescente é capaz de se empenhar em causas de uma forma que dificilmente fará noutra altura da sua vida. O corpo é o lugar de muitas destas mudanças. Este corpo vai progressivamente adquirindo características de adulto e perdendo os traços de criança. Não é pouco frequente a sensação de se estar a habitar um corpo estranho, como se um dia o adolescente tivesse acordado e descoberto ter encarnado num invólucro desconhecido que se controla com alguma dificuldade. Pior, este corpo parece ter vontade própria, e quando menos se espera tem reacções estranhas: a cama aparece molhada de manhã, quando se acorda; começa-se a sangrar dos sítios mais inesperados e sensações estranhas surgem quando se fica excitado sexualmente.

É, desta forma, natural que o adolescente se sinta invadido por dúvidas. Elas estão relacionadas com aquilo que se passa no seu corpo nesta fase, com estas transformações e erupções que o deixam algo perplexo. É compreensível, assim, que ele procure esclarecer estas dúvidas das formas que puder. É algo que lhe diz respeito, que o perturba e espanta.

Esta necessidade do adolescente em esclarecer as suas dúvidas e os meios que ele encontra para o fazer leva a que a sexualidade, nesta fase da vida se transforme

numa *moeda de troca* para com o mundo. Ou seja, ao ter que ir buscar a informação que não tem, em algum local, o adolescente vai ter que entrar em diálogo e em interacção com o seu meio. A sexualidade transforma-se, assim, num importante significante utilizado pelo adolescente nas suas interacções com os outros.

Antes ainda de procurar a sua informação directamente naqueles que o rodeiam, o adolescente vai procura-la nos meios que tem disponíveis ao seu alcance. Isto porque já percebeu que a sexualidade não é uma temática acerca da qual se fale abertamente. Já sabe que poderá ser repreendido se falar sobre o assunto ou, então, que irá provocar constrangimento se o fizer. Assim, há que ter cautela e, primeiro, procurar pelos próprios meios a informação desejada. E, actualmente, tal não apresenta qualquer dificuldade. É comum a discussão sobre questões ligadas à sexualidade nos meios de comunicação social, nomeadamente em revistas dedicadas aos próprios adolescentes; a internet é um meio que os jovens dominam e que permite o acesso a uma grande quantidade de informação, entre a qual se encontra uma vasta quantidade de dados sobre sexo; várias linhas telefónicas de ajuda existem sobre esta temática, nas quais os jovens, na segurança proporcionada pelo anonimato, podem colocar e esclarecer as suas angústias mais íntimas.

Em todos estes meios nos quais o adolescente procura informação, reina ainda o silêncio na comunicação. Existe uma procura activa da informação, mas de forma preferencialmente não interactiva, ou seja, de forma que não implique uma comunicação com os outros sobre o interesse relativo ao sexo.

No entanto, esta fase informativa faz com que o adolescente tenha já muitos dados, quando passa a uma outra fase – a fase da procura de informação junto dos outros. E esta fase surge muito da necessidade de verificar se aquilo que ele sente e se aquilo por que está a passar é único, ou se existem outros que tenham a mesma experiência. Não raras vezes o jovem se questiona sobre a normalidade dos seus sentimentos, já para não falar das dúvidas sobre as formas do seu corpo.

O investimento de atenção e energia sobre o corpo, justifica-se pelos factores inerentes ao seu próprio crescimento e também pelo facto de o corpo passar a ser, ele também, um poderoso meio de comunicação. Meio de comunicar estados afectivos, meio de protestar contra o sistema, contra os pais, contra a escola, mas também de demonstrar interesse, disponibilidade ou indisponibilidade em relação aos outros. De chocar ou atrair. Assim, se já de uma forma não verbal se torna possível interagir com os outros, a utilização da palavra adquire um papel fundamental por permitir a troca de experiências e de informações. Com os amigos, falar sobre sexualidade adquire a função de *moeda de troca*.

Falar com os amigos e colegas é uma das formas mais habituais de aquisição de informação sobre sexualidade junto dos jovens. E é possível perceber porquê. É através dos amigos que o processo de socialização se efectua, nesta fase da vida. São os amigos que vão ser investidos na proporção directa de que os pais vão ser desinvestidos. É com eles que se cria uma intimidade emocional e afectiva que os torna confidentes dos problemas e angústias. Tornam-se conselheiros

por excelência nos momentos difíceis, depositários dos sonhos e fantasias, dos projectos, bem como das ansiedades. Não é de estranhar assim que, em diversos estudos efectuados que abordam esta questão, os amigos surjam entre os principais meios de obtenção de informação em matéria de sexualidade. Seguem-se alguns desses dados:

- 54,1% dos homens e 32,8% das mulheres afirmam que os amigos influenciaram, até um certo ponto, a sua visão da sexualidade (Vasconcelos, 1998)
- 60,6% dos jovens do Concelho de Loures afirmam que os amigos constituíram fontes de informação sobre sexualidade, percentagem esta bastante superior à dos que afirmaram ter obtido esta informação junto dos pais (46,1%) ou de professores (15,5%) (Machado Pais, 1996)
- 55,2% dos jovens adultos afirmam ter obtido informação sobre os contraceptivos que utilizam junto dos amigos, valor este mais uma vez superior ao relativo aos pais (49,6%) ou aos professores (23,4%) (Nodin, 2001)

O facto de os jovens procurarem informação sobre sexualidade junto dos amigos tem as suas vantagens e desvantagens. Por um lado, sabe-se que a influência dos amigos se conta de entre as mais intensas neste período do desenvolvimento, acabando, por isso por ser uma *moeda valiosa*. As desvantagens prendem-se com o facto de que muitas vezes os conhecimentos que os jovens têm sobre sexualidade são incorrectos, fundamentados em crenças deturpadas ou pura e simplesmente falsas.

Caso particular relativo à obtenção de informação junto dos pares é o do parceiro sexual. Seria de esperar que se discutisse sobre sexualidade com a pessoa com quem se tem relações sexuais. No entanto, os estudos efectuados e que abordam esta temática demonstram o contrário. O que aponta no sentido de que, entre os casais de jovens, a sexualidade é como que uma *pedra preciosa*. É preciosa porque se constitui como objecto de troca física e emocional. No entanto, não se fala sobre ela, como se se tivesse medo de a perder. É um objecto de troca essencialmente a um nível não verbal. Faz-se mas não se discute aquilo que se faz. Como a prevenção ao nível da sexualidade implica que os parceiros de uma relação sexual sejam capazes de discutir as questões básicas de utilização do preservativo ou do método contraceptivo de sua eleição, esta dificuldade dos jovens pode implicar sérios riscos para a sua saúde.

Também os pais jogam um papel importante nesta procura de informação dos jovens sobre sexualidade. Relativamente a eles, pode-se dizer que são fontes de informação a *peso de ouro*. E por diversos motivos. Para começar, é no contexto da família que os jovens vão obter de tudo um pouco o essencial que lhes vai valer para a vida. O seu equilíbrio emocional, a sua personalidade, os seus valores, todos são fortemente influenciados pela convivência e educação dos pais. Desta forma, também em matéria de sexualidade, o básico vai ser obtido no contexto social que melhor conhecem, ou seja, a família. Também aqui o não verbal tem um peso particularmente importante. É mais por aquilo que se presencia e que se observa do comportamento e atitudes dos pais que as crianças e os adolescentes vão construindo o seu próprio conceito de sexualidade.

Assim, mesmo nas famílias em que não se fala sobre este tema, as questões associadas aos papéis de género, ou seja, as tarefas que são consideradas como sendo da responsabilidade dos homens e das mulheres, a expressão dos afectos, de entre muitas outras questões, são fornecidas logo com o leite materno. Daí que seja quase um lugar comum dizer que a educação sexual se faz desde o berço e essencialmente pelos pais, primeiros agentes no processo de transformar a criança em pessoa. O peso de ouro que os pais adquirem neste processo advém exactamente desta sua função. Até porque não é necessário que se fale sobre sexualidade em casa para que, logo à partida, os adolescentes adquiriram toda uma postura face a estas questões que os vai acompanhar durante toda a sua vida.

Isto não quer dizer que não seja necessário falar de sexualidade em casa. Tal é, não só importante, como essencial para o à-vontade com que os jovens irão encarar a sexualidade. Além de que lhes vai abrir as portas para que, de facto e de uma forma activa, procurem informação junto dos pais quando de tal necessitarem. Esta é a forma de os pais se transformarem, de facto, em pequenas grandes *minas de ouro* nas quais os jovens podem adquirir preciosas informações que lhes são tão caras.

Por último, mas nem por isso menos importantes, vêm os professores. Qual é o preço da informação que os professores podem dar aos jovens sobre sexualidade? Qual o valor das suas atitudes e posturas no decurso das suas aulas e fora delas? Há que não esquecer que uma parte considerável do tempo dos jovens é passado em contexto de sala de aula com os seus profes-

sores e professoras. Assim, se é com os pais que o básico da personalidade e capacidades dos jovens se vai formar, é com os professores que uma vasta quantidade de informação pode ser colectada, consolidada, e desta forma enriquecida a personalidade dos adolescentes, também no que respeita à sexualidade.

Da mesma forma que com os pais, esta transmissão de conhecimentos e valores não passa apenas por aquilo que se diz nas salas de aula, mas também por aquilo que se faz. As atitudes, gestos, posturas dos professores são veículo de valores, conceitos e preconceitos sobre questões tão básicas como os papéis de género, o conservadorismo ou o liberalismo na abordagem da sexualidade. Um exemplo clássico é o do aparecimento da primeira menstruação a uma rapariga na escola e da forma como a instituição escolar lida com esta questão. É tratada como um acontecimento natural? Ou como se de uma doença se tratasse? Como algo que deve ser comemorado? Ou ainda como algo que deve ser mantido secreto? Além disso, quem é se encarrega de falar com a rapariga sobre o sucedido? É o professor em cuja sala se deu a ocorrência ou é chamada uma professora de propósito para o efeito? A rapariga é enviada para o gabinete de enfermagem e depois para casa?

Esta é uma situação que faz parte do quotidiano da escola e, portanto faz parte do quotidiano quer dos alunos quer dos professores. Lidar com estas questões é estar já a fazer educação sexual. É também através da forma como o professor lida com estas questões que um adolescente se poderá sentir mais confortável em procura-lo para pedir ajuda para algum problema que tenha – por exemplo uma gravidez não desejada.

Aqui as coisas funcionam um pouco como um fundo de investimento. Se os professores têm a disponibilidade e o à-vontade para abordar as questões da sexualidade na sala de aula, então mais facilmente os alunos se lhes irão dirigir com dúvidas nesta área e os procurarão se necessitarem.

Obviamente que nem sempre é fácil para os próprios professores falar sobre sexualidade com os alunos, nas aulas ou fora delas. Muitos não tiveram a possibilidade de, ao longo do seu próprio desenvolvimento, falar com alguém, pai, mãe, professor ou técnico, sobre estas questões. Tão pouco tiveram formação adequada e específica sobre como abordar a educação sexual em sala de aula. Isto deixa-os frequentemente numa posição de insegurança face à abordagem destas questões, mesmo que para tal tenham motivação.

É importante que o professor seja capaz de reconhecer que existem questões para as quais não está qualificado para dar resposta. Situações em que não tem o troco adequado para dar ao aluno que os procura. Isto não diminui o seu papel de educador mas, pelo contrário, valoriza-o enquanto intermediário entre os problemas dos alunos e os recursos que os poderão melhor ajudar.

De resto, a introdução da educação sexual nas escolas é uma realidade. De acordo com as linhas orientadoras para a introdução da educação sexual em meio escolar (Ministério da Educação et al., 2000), a sexualidade deverá ser abordada de forma transversal aos currículos escolares. Ou seja, não irá haver uma nova disciplina específica de educação sexual mas, em cada uma

das disciplinas já existentes nos diferentes graus de ensino, deverão ser abordadas questões relacionadas com a sexualidade articuladas, obviamente, com os respectivos currículos.

Isto significa que, a curto prazo, a sexualidade será moeda de troca corrente entre professores e alunos no contexto da escola. Até porque se privilegiam, para os objectivos propostos, a utilização de metodologias dinâmicas e interactivas, e envolvem assuntos sobre os quais é suposto que se debatam valores e posições pessoais, dos alunos, bem como dos professores.

Os jovens de hoje em dia vão ter um privilégio que a grande maioria dos actuais adultos e jovens adultos não teve durante o seu crescimento e percurso escolar que é o de terem acesso a uma abordagem sistematizada da sexualidade no contexto da escola, permitindo-lhes, assim, a possibilidade da integração de informações e valores ao longo do seu desenvolvimento.

Este é um investimento que sendo feito hoje pode dar grandes lucros no futuro, ao diminuir o desconhecimento, as falsas crenças, o conselho benevolente mas tecnicamente incorrecto que, na verdade, só complica em vez de ajudar. Não irá, certamente, resolver todos os problemas do mundo ou, à nossa escala, do país, mas poderá, a seu tempo, diminuir alguns dos graves problemas de saúde que afectam os nossos jovens, dos quais o VIH e a gravidez não planeada são apenas exemplos.

Moedas de troca, pedras preciosas, fundos de investimento e pesos de ouro, são valores que continuarão, certamente, a fazer parte do quotidiano dos jovens.

Preciosos já todos eles são, cada um à sua maneira. Esperamos que, num futuro que começa agora, possam passar a ser mais valorizados ainda. x

---

(1) Comunicação apresentada no Seminário “A educação da sexualidade na escola”, no Auditório da Universidade Internacional da Figueira da Foz, em Março de 2001

**BIBLIOGRAFIA**

Machado Pais, J. (1996). Sexualidade. In Jovens de hoje e de aqui (pp.195-221). Cadernos Estudos Locais. Loures: Dpt. Sócio-Cultural, C.M. Loures.

Ministério da Educação et al (2000). Educação sexual em meio escolar: linhas orientadoras. Lisboa: Ministério da Educação, Ministério da Saúde.

Nodin, N. (2001). Os jovens portugueses e a sexualidade em finais do século XX, Coleção Estudos APF. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família.

Vasconcelos, P. (1998). Práticas e discursos da conjugalidade e de sexualidade dos jovens portugueses. In M. Cabral, A. Fernandes, J. Nunes (Orgs.). Jovens portugueses de hoje. (pp.215-305). Oeiras: Celta.

# Morrer de Amor

Elvira Leite [Pedagoga]

Em Maio de 1999, o teatro Rivoli promoveu um programa de âmbito cultural com uma série de sessões abertas ao público, sob a designação “*Chá das Seis*”. Creio que o reconhecido interesse de todas as comunicações e dos debates desencadeados pelo público presente, heterogêneo em idades, em experiências de vida, em modos de pensar e sentir, poderia constituir matéria para uma publicação em forma de livro, uma referência motivadora de outros encontros e conversas naquele e noutros espaços, fazendo, assim, renascer a tertúlia.

Hoje, recordo especialmente um dos temas, aquele que me mais me envolveu e que tinha como título “*Morrer de Amor*”.

Para essa sessão fui convidada a participar como comunicadora. Aceitei o convite por várias razões: o tema era apelativo; estava confirmada a presença de Emílio Salgueiro, um reconhecido psiquiatra psicanalista que muito aprecio; sabia que o debate envolvia depoimentos de jovens e que um deles ia projectar diapositivos da sua autoria sobre mensagens de amor escritas nas paredes da escola; tive vontade de partilhar dúvidas e pareceres; senti curiosidade em saber em que ponto estava/está o mito do amor. Será que se mantém? Será que se alterou?

Porque me convidaram? Talvez por lidar de perto com jovens na minha longa experiência como professora e por conhecer Emílio Salgueiro que há uns anos tinha escrito um bonito texto para o livro “*Espaço Pedagógico*” (1), do qual sou co-autora.

Em sessenta e tal anos de vida, vivi amores platónicos; apaixonei-me, amei, “morri” de amor, uma, duas vezes e de cada vez “renasci”; nunca desisti de amar; estabillei no “amor da minha vida”, amo o próximo, envol-

vo-me com paixão nas coisas e acompanhei de perto estórias de paixão, de amor e ódio; talvez me possa considerar uma “especialista” nesta matéria!

Consciente do meu papel no debate, longe de mim a ideia de dissertar, teorizar, esclarecer ou explicar seja o que for, antes do encontro, troquei impressões com amigos, questionei os meus alunos sobre a temática em questão (alunos de 11º ano), procurei umas referências no volume nº 32 da enciclopédia Einaudi e finalmente esbocei umas notas para uma eventual intervenção.

O tema é problemático, não é explicável, envolve mistério e apresenta muitas variáveis. “*O coração tem razões que a razão desconhece*”. “Mas no meu imaginário o amor pleno entre duas pessoas é um impulso, uma força estranha que separa cada um de si para se projectar no outro, criando uma relação de interdependência desejada e que por ser desejada os pontos de interdependência não são negociados nem regateados; eles surgem naturalmente, são espontâneos, adinham-se, e neste amar quem ama sente-se livre. A aproximação ou a escolha do ente amado é irracional e incondicionada, mas em princípio poderemos dizer que o amor entre duas pessoas surge de um conjunto de factores que incluem pulsão sexual e sentimentos de ternura.

É bonita esta forma de encarar o amor; mas numa relação a dois há constrangimentos, interferências várias. O amor é um sentimento dinâmico com movimentos descontínuos; estamos a falar de pessoas e as pessoas têm personalidade e cultura próprias e evoluem no seu percurso de vida.

As pessoas não vivem isoladamente, pertencem a um grupo, a uma época, a uma sociedade marcada por

uma ideologia dominante que as manipula. O amor não será, pois, tão descomprometido.

“(…) em cada época histórica e para cada sociedade, a ideologia dominante está incumbida de fazer funcionar os modos de produção resolvendo, em particular, o problema das relações de produção e contribuindo para que um dado modo de reprodução se reproduza como tal: sem dúvida que, a estes dois níveis, o amor tal como nos é “vendido” pelas ideologias, sejam estas quais forem, capitalistas ou socialistas, desempenha um papel de fundamental importância. Pense-se, por exemplo, na maneira como ambos os sistemas condenam a libertinagem e encorajam um certo puritanismo, invocando a mesma justificação racional: uma excessiva liberdade de costumes seria em última análise prejudicial à produção, desviando uma energia que teria melhor investimento no trabalho social (...)” (2)

A abordagem ao tema, na sala de aula, foi entusiasmante.

Para uns, morrer de amor não faz sentido. A não ser que seja um amor doentio. O amor não é eterno, disseram:

*“Quando se ama e se é amado é bom. Mesmo que haja entraves, são dois que se unem contra tudo e todos. Arranja-se sempre maneira de esconder, de fugir ou de ultrapassar esses entraves! Além do mais um amor não tem que ser para sempre! O amor pode não ser correspondido e então há que aguentar! A dor passa com o tempo! Até encontrar outro amor.”*

Falou-se de casamento, considerado uma ligação formal que cria muitos problemas; à partida, é um registo que não os entusiasma.

Muitos jovens vivem os problemas dos pais em fase de crise ou mesmo de ruptura conjugal, nem sempre tratada da melhor maneira e isso talvez possa interferir nos projectos de vida dos filhos.

Uma das alunas mais jovens comentou que só se via a morrer de amor pelos pais ou pelos irmãos ou mesmo por um grande amigo, para os salvar de uma situação de perigo. Isso sim!

Todos se riram e disseram: *“Não é disso que estamos a falar!”*

Mas também fomos por aí; valorizou-se o amor ao próximo, o amor a uma causa, o altruísmo, características psicológicas do adolescente que é interessante relevar, contrariando a actual tendência individualista e egoísta.

A amizade sincera surgiu, então, como complemento imprescindível do amor. Disseram ainda:

*“O amor de que estávamos a falar, faz sentir arrepios e calor pelo corpo todo. Só apetece beijar à frente de toda a gente para mostrar que encontramos o amor. Talvez para desafiar os outros! Quando se ama apetece beijar e fazer outras coisas com a pessoa amada! ...*

Tudo foi levado muito a sério; o problema da sida e as vantagens do preservativo foram referidas na discussão sobre amor livre. A este propósito, houve quem particularmente me tivesse revelado que não se sentia com “coragem” para encarar, pela primeira vez, uma relação sexual com o namorado e que ele não compreendia este seu sentimento. No dia seguinte, coloquei a questão ao grupo, sem a personalizar.

*“O corpo e o espírito deverão estar preparados para tal. A maturidade é relevante. Os sentimentos de segurança e de confiança são imprescindíveis. É preciso estar segura ou seguro de si, ter confiança em si e no outro e para isso há um tempo.*

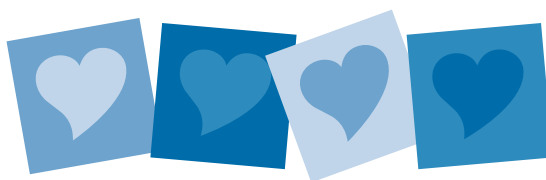
*É uma decisão que terá que ser amadurecida pelos dois e não realçada ou forçada por uma das partes. O amor fortalece-se na compreensão dos problemas que vão surgindo e no modo como são resolvidos, de comum acordo.*

Depois de uma longa discussão, os rapazes compreenderam o ponto de vista. *Diga-nos professora, no seu tempo de jovem também era assim?*

*Bom! Foi no meu tempo de jovem que começou a ser assim. Nesse tempo deram-se alguns passos no sentido de uma libertação de preconceitos, mas com algum sofrimento.*

Continuaram:





*“Quando se está apaixonado, não se pensa noutra coisa; só se quer estar com a pessoa amada o tempo todo. Nada mais parece existir! Nada mais conta! O pior são os estudos! Lá se vão os estudos! Não dá mesmo. Os professores queixam-se aos pais do mau aproveitamento repentino, os pais dão cabo da nossa cabeça! Mal sabem eles a razão! Pensam em tudo menos no que se está a passar! E nós não revelamos. Também temos os nossos segredos!”* Alguém acrescentou:

*Não devemos pensar em mais nada! É só estudar, estudar. Depois vem a preocupação do emprego! O tempo passa depressa demais e que experiências de amor e paixão temos, nenhuma? Não é isso que eu quero.*

Realmente, fiquei a pensar se estes jovens, com horários sobrecarregados, com o ritmo de aprendizagem que lhes é imposto no percurso escolar, com a competição das notas, conseguem tempo e disponibilidade para se apaixonarem!

*“Professora, o amor resiste até à velhice? Claro! Por experiência própria vos digo que o amor pode manifestar-se em qualquer idade e pode ser um sentimento duradouro, entre duas pessoas. O que me parece é que pouco ou nada se fala desta possibilidade e talvez por isso não se lhe dá a relevância devida.*

Para outros jovens no “morrer de amor”, não é o amor, é o **desamor** que está em causa. É o desinteresse, o afastamento e a incompreensão do outro, dos outros, dos adultos; de adultos que estão sempre a exigir sem dar, que estão sempre a reprimir, a agredir, a criticar, ou então nem isso! Adultos que, por falta de tempo, estão ausentes. Até os pais!

Nalguns casos, não é o amor que mata, é a falta de amor. É a agressividade que recai sobre eles; é a soli-

dão que alguns jovens sentem e os leva a desinteressarem-se pela vida. *“Ninguém gosta de mim. Acho que nem eu próprio! Não sou capaz de fazer nada de jeito, não me interessa por nada nem por ninguém, não gosto de nada em especial, não sirvo para nada! o que ando cá a fazer?”*

A rejeição sentida reflecte, em parte, a postura dos adultos com quem vivem e se relacionam ou dos adultos em geral. Adultos possivelmente zangados com a vida ou inquietos pela instabilidade desta época em que vivemos marcada por contínuas mudanças, carregada de acontecimentos preocupantes.

No debate, como era de esperar, foram surgindo sintomas de medos, reservas, dúvidas, e muitos recados também para quem tem poder na escola. *“Queremos uma escola mais aconchegante, mais dialogante, a dedicar-nos mais tempo.*” “Por fim, questionaram-me sobre os meus sentimentos e experiências.

Por exemplo: *“Como é que a professora viveu os seus casos de amor? Será que tudo mudou tanto?” “Sim. Acho que tudo mudou muito, mas o desejo de amar e de ser amado mantém-se intacto.”*

Hoje, os adolescentes sentem dificuldades em encontrar modelos de identificação para se confrontarem e isso dificulta a construção do ser adulto equilibrado e confiante.

A conversa foi muito bem sucedida; todos se manifestaram sem reservas e eu também. Ficou a vontade expressa de dedicar mais algumas aulas a temas marginais, temas diferentes dos que habitualmente se tratam nas aulas de artes.

É o que falta na escola. Criar empatias e oportunidades para que os jovens desabafem, pensem alto nas coisas, confrontem as suas ideias em presença de adultos

que os ouçam e os apoiem, para não se sentirem isolados e entregues a si próprios. Os “amontoados” escritos em todos os muros, paredes, portas, mesas, tampos de carteiras e noutros lugares da minha escola, para além de tudo o mais, demonstram isso mesmo! O desejo de comunicar.

Reli o tal texto da autoria de Emílio Salgueiro que, sobre os escritos nas paredes, a certa altura, diz:

“(…) O *graffiti* tem um destinatário: escreve-se sempre a alguém. É, no entanto, uma mensagem que se não tem coragem de entregar por mão própria. Na escola faz-se com *graffiti* uma projeção sobre o corpo escolar (colegas e professores) de fantasias e de desejos, de afirmações e de negações de tal intensidade agressiva ou erótica que o autor tem de ficar anónimo(…)” (3)

Já no Rivoli, os diapositivos apresentavam palavras desenhadas nas paredes, em grandes dimensões, emolduradas por retângulos, enfeitadas com corações talvez para isolar a mensagem, possivelmente para resguardar o amor do mundo envolvente. “*Marco love Margarida*”, não se sabendo aqui se o amor é correspondido. “*João ama Alexandra ama João*”, neste caso haverá correspondência. “*Viana love Pedro love Teresa*” e muitos corações trespassados por setas, nestes desenhos adivinham-se desencontros. Curioso foi ver imagens que mostravam sulcos gravados, possivelmente com as unhas ou com o canivete, no pequeno espaço de espessura da madeira das mesas de trabalho e das carteiras, sítios bem escondidos de comunicação anónima.

A escola não oferece espaços personalizados e, talvez por isso, seja habitualmente marcada clandestinamente: o fogo destrói testes e cadernos, os vidros foscos são raspados, os outros partem-se, destrói-se o equipamento, riscam-se as paredes...

Alguns escritos são acompanhados de desenhos esquemáticos “eróticos”, cheios de humor pela ingenuidade da expressão desenhada, mas que evidenciam o pulsar do corpo, o desejo, a tensão e mesmo uma certa obsessão pela repetição contínua dos símbolos;

uma espécie de catarse. O discurso é de sedução e ameaça, é revelador de um corpo desperto, curioso, com uma vitalidade contida. A tensão é grande de dentro e de fora.

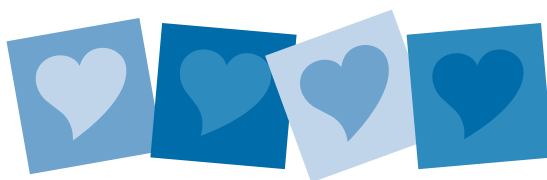
A conversa entre as pessoas presentes na sala do Rivoli desenrolava-se de forma muito participativa.

A presença de um grupo de caboverdeanos, muitos artistas de teatro e acompanhantes, animava e enriquecia o debate. Com toda a franqueza, expunham-se expondo os seus sentimentos, assumindo a sua maneira de sentir e pensar no relato das suas próprias experiências de vida para ilustrar a problemática do amor. Alguém adiantou:

“(…) *Eu estive já bem próximo de matar e de morrer por amor. Confesso. E ainda não estou absolutamente curado. Fui atraído pela mulher amada e não aguentei. Fiquei fora de mim. Eu próprio me desconhecia! Fui ao fundo. Já lá vão uns anos! Foi um amigo que me salvou de uma tragédia. Ouvia-me, aconselhava-me, dava-me todo o apoio. Nunca me deixou só*. Os amigos servem para isso, para nos apoiarem nos momentos difíceis da vida. É urgente ter amigos, cultivar e fortalecer amizades.

O romance de Romeu e Julieta foi referido para reforçar a questão em debate. Numa concepção romântica só a morte eterniza a paixão! A vida nos seus quotidianos destrói o amor na concepção ideal. A morte preserva, salva, eterniza o amor puro!

“(…) Em certas condições, o aparecimento do amor é desviado ou comprometido: na impossibilidade de se desenvolver e florescer na sua forma ideal e completa de amor-paixão vivido no âmbito de uma precisa história ontológica, ele degenera em formas que a nossa mitologia recupera sob a forma de heróis ou de monstros, denunciando e designando deste modo comportamentos desviantes que não poderiam ser generalizados e aceites sob pena de destruição do grupo, e que, portanto, são ou condenáveis ou reser-



vados a alguns seres privilegiados e excepcionais. Apanhados na simbólica social, tais comportamentos desviantes fornecem às pessoas comuns a gratificação imaginária de que têm necessidade. (...)” (4)

Uma outra questão evidenciada pelas pessoas presentes na sala foi a assimetria que ainda existe entre os sexos feminino e masculino no que se refere ao amor/paixão, ao amor/desejo.

A certa altura, foi verbalizado o seguinte:

“O amor precisa de ser alimentado.” Tudo bem, mas logo a seguir disse-se “Para alimentar o amor entre um homem e uma mulher, o homem precisa de ter experiências sexuais fora da união conjugal. Isso é normal e não destrói o amor que se tem pela pessoa amada. Pelo contrário! Reforça esse amor. O desejo físico só pode ser duradouro no seu renovar-se e isso não é possível sempre com a mesma pessoa. Em Cabo Verde é assim! É uma questão cultural! Acho que se pode amar mais do que uma pessoa ao mesmo tempo.”

“(...) Ele ama, ama apaixonadamente, mas não ama um único objecto, uma única mulher: ama-as todas. Amar uma única mulher seria trair todas as outras (...) Mito de Don Giovanni. (5)

Alguém questionou. “E às mulheres, também lhes é permitido isso?” A resposta foi:

“Às mulheres não, não é costume. A própria sociedade não aceita! Um homem, em Cabo Verde, tem muitos filhos de mulheres diferentes. Quantos mais filhos, mais masculinidade. As mulheres não se importam. Já estão habituadas!”

As mulheres presentes na sala reagiram em total desacordo e os jovens manifestaram a sua abertura à mudança e o bom senso de não quererem ter muitos filhos! Consideraram que as muitas crianças que vivem

em Cabo Verde, vivem com dificuldades por não poderem ser educadas convenientemente.

“É possível amar mais do que uma pessoa ao mesmo tempo? “Não”.

“Sim”. Pode-se amar uma pessoa e simultaneamente estar apaixonado ou apaixonada por outra!”

Não. Não pode. Amar, amar, não parece ser possível. Gostar, ter uma grande amizade ou habituar-se a uma relação familiar com uma pessoa e apaixonar-se por outra, talvez. É preciso distinguir amor de paixão. O amor é mais estável, a paixão é passageira”.

A acomodação e a rotina podem matar o amor. É preciso “investimento” continuado para que o amor entre duas pessoas sobreviva. Sensibilidade? Criatividade? Sabedoria? Ainda houve quem ficasse a pensar na discussão anterior.

“Não sei se há pessoas com necessidades especiais. Eu acho que se pode ser fiel à pessoa amada e sentir-mo-nos totalmente livres! Eu, amo a minha mulher (a mulher dele estava presente na sala com uma evidente doçura projectada no rosto), vivo com ela há bastantes anos e nunca me senti preso. Amando-a não quero, não sinto necessidade de ter relações sexuais com outras mulheres. Não acho possível que isso aconteça! Quem ama verdadeiramente estabelece uma perfeita ligação a todos os níveis; quem ama apenas deseja o ente amado e só quer fazê-lo feliz! De contrário pode ser amizade. Amor, não. “A sala vibrou. Uma salva de palmas irrompeu. Tenho ideia de que todos se manifestaram do mesmo modo homens e mulheres.

Afinal, será esta a imagem padrão de uma relação de amor? Será este o comportamento amoroso por todos fantasiado? Por todos desejado?

Sucediam-se as diferentes situações imaginadas ou vividas.

*“Eu amo-a... Eu amo-o, mas muitas vezes irrita-me, enraiveço-me, sinto ódio! Então, afastámo-nos por uns tempos. Porquê? Porque há agressividade, porque há exigências explícitas ou implícitas, há ciúmes exacerbados. Odiamos-nos no amor que temos um pelo outro! Odiamos-nos mas “nunca” nos deixamos, porque nos amamos, nos desejamos! Brigamos, separámo-nos, mas retomamos. Não podemos passar um, sem o outro!”*

No amor/ódio o ódio pode aferir-se o amor ou destruí-lo. Amor e desejo cruzam-se. Mas quando o desejo é violento, pode reduzir o outro a um objecto!

Foi aflorada a paixão como um forte sentimento de prazer e de dor não duradouro, mas carregado de erotismo, de emoção, de tal modo que pode afectar a vida quotidiana. Nada mais conta. Já os adolescentes o tinham dito. A perseverança, a dedicação total e a submissão são atitudes caracterizadoras de indivíduos apaixonados.

Há quem diga que nada de grande se faz sem paixão. Mas a paixão será boa ou má conforme o uso que se faz dela. Será um bom auxiliar quando a sujeitarmos à nossa vontade, mas poderá conduzir-nos ao abismo quando tiver um domínio incontrolável sobre nós.

A paixão pode mesmo afectar a parte psíquica da pessoa tornando-a incapaz de se empenhar em qualquer reflexão.

Entretanto alguém, muito jovem desabafou:

*“Estou a ver que é tão difícil o amor que estou com receio de amar! Não quero sofrer!”* Houve risos e o seguinte comentário: *Não há que ter medo! Uma pessoa que se abra ao amor vive esse sentimento com prazer/desprazer. A vida é isto mesmo! O amor é a essência da vida”. Costuma-se dizer que “quem não ama não sente.”*

Entre estas palavras de esperança ficaram muitas dúvidas e muitas questões por abordar. Se fosse possível, a conversa deambulava, num vai e vem sem fim. ... É difícil analisar o amor... Mais tarde, de regresso a

casa, recordei o poema de Ana Hatherley:

**“Aquele que procurou...”**

Aquele que procurou/  
E não encontrou,  
É o homem desiludido.  
Aquele que não procura  
E tudo encontra  
E nada pode fazer do que achou,  
É mais que infeliz:  
Sabe a verdade. x

(1) “Adolescentes na Escola e a Crise da Geração dos Pais”, in CARNEIRO, Alberto, LEITE Elvira, MALPIQUE Manuela, “Espaço Pedagógico 2” Edições Afrontamento, Porto, 1983.

(2) Enciclopédia Einaudi Volume nº 32, “Sorna/Psique – Corpo”, pag. 175 a 200, Irnprensa Nacional Casa da Moeda.

(3) “Espaço Pedagógico 2” (op. cit.).

(4) “Enciclopédia Einaudi” (op. cit.).

(5) “Enciclopédia Einaudi” (op. cit.).